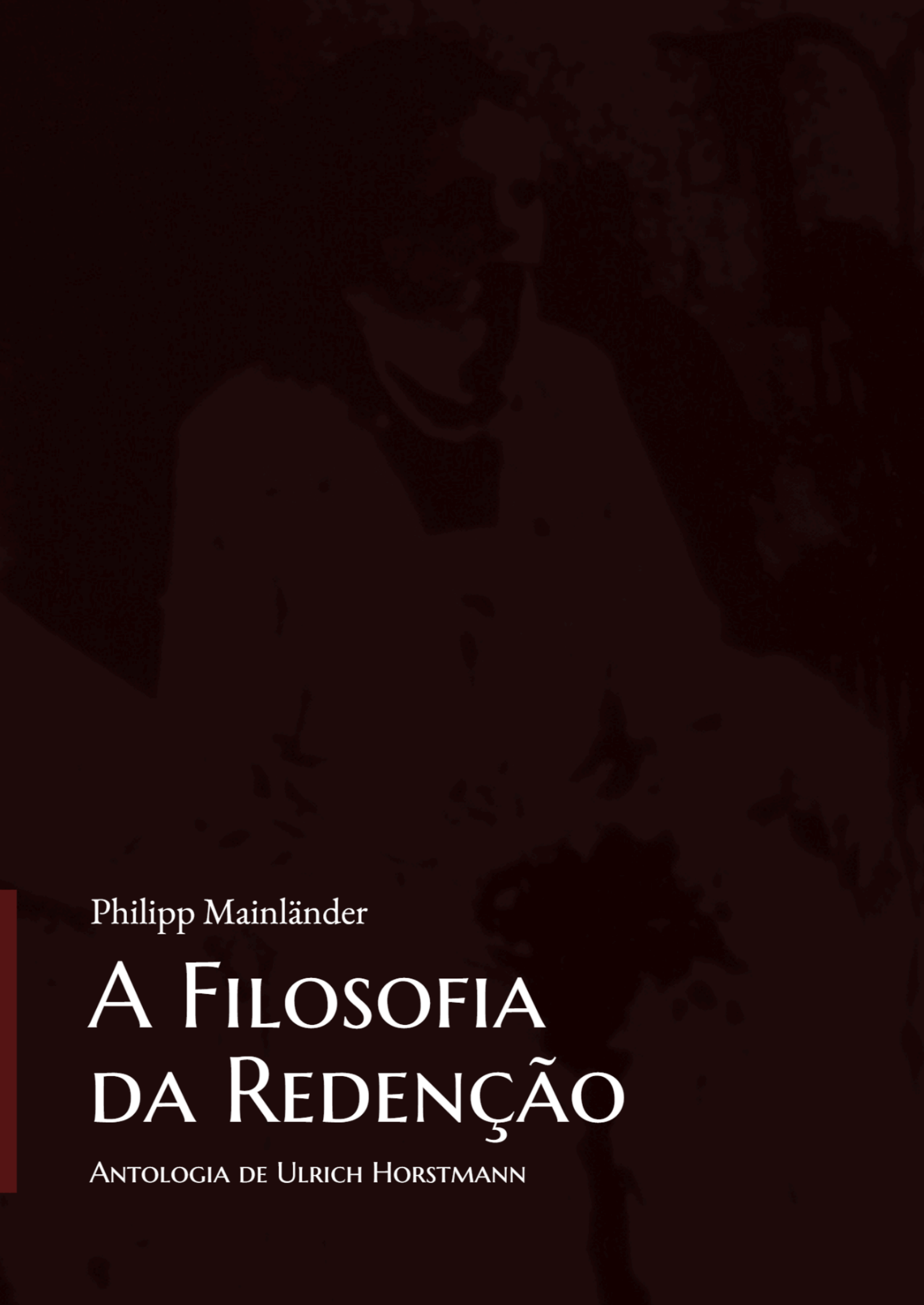

Philipp Mainländer

A Filosofia da Redenção

Antologia de Ulrich Horstmann

“*Deus morreu e Sua morte foi a vida do mundo.*”

Philipp Mainländer, nascido como Philipp Batz em 5 de outubro de 1841 em Offenbach am Main, tirou sua própria vida em 1º de abril de 1876.

No ano de sua morte, ele completou sua obra em dois volumes, com 1300 páginas, intitulada “A Filosofia da Redenção”. Este trabalho dissemina um pessimismo cósmico que vai além até mesmo do de Schopenhauer, onde o processo universal é visto como um desgaste, uma depreciação do ser e uma decomposição da realidade. Em uma reviravolta radical de todos os pensamentos hegelianos, a totalidade do inorgânico e do vivo não é vista como a expressão da auto-realização e do auto-encontro de um “Espírito do Mundo”, mas como uma etapa necessária para sua própria anulação, o movimento do Super-ser em direção ao Nada.

Com isso, Mainländer apresenta a primeira e única metafísica da entropia, que antecipa em vários aspectos o nosso moderno modelo físico do universo, o qual, por sua vez, deriva do conceito de mega catástrofe do Big Bang.

Mainländer validou sua visão do demiurgo suicida e sua teoria da "vontade universal para a morte" ao desaparecer da história mundial por sua própria mão. Não é surpreendente, portanto, que alguns tenham tentado também apagar sua obra da história da filosofia.

A antologia apresentada protesta contra o silêncio imposto e todas as outras tentativas de nos isentar da exigência de “A Filosofia da Redenção”.

Ulrich Horstmann

“...o apóstolo doentiamente sentimental da virgindade...”
Friedrich Nietzsche

“Ele era, como eu, um leitor apaixonado de Schopenhauer.”
Jorge Luis Borges

“Entre os discípulos de Schopenhauer estava um certo Philipp Mainländer,
que particularmente me atraiu.”
Emil Cioran

PHILIPP MAINLÄNDER

A FILOSOFIA DA REDENÇÃO

Antologia

Seleção por:
Ulrich Horstmann

Tradução por:
Rafael J. Diehl

Imagem da capa:
Begotten (1989)

SUMÁRIO

Nota do tradutor 5

Introdução 7
I. Sobre a origem do universo 8
II. A lei universal do enfraquecimento da força 18
III. Teleologia da aniquilação 23
IV. Humanidade, civilização e Estado ideal 34
V. O santo e o demônio 47
VI. Liberdade e necessidade 63
VII. Apologia ao suicídio 71
VIII. Contemplação do vazio 77

Nota do tradutor

Esta tradução é o resultado de um trabalho amador, feito com o intuito de aproximar o público lusófono do pensamento de Philipp Mainländer. Trata-se de uma antologia, ou seja, uma seleção de fragmentos de sua obra, pensada para oferecer uma visão geral de suas ideias.

Vale destacar que esta tradução é uma adaptação pessoal, sem revisão editorial ou acadêmica oficial. Ela foi baseada na edição alemã *Mainländer: Philosophie der Erlösung*, publicada pela Insel Verlag, e na tradução espanhola feita por Sandra Baquedano Jer. Embora não tenha passado por um processo de validação institucional, a tradução foi feita com cuidado e respeito à obra original.

Essa versão está sendo distribuída gratuitamente, e qualquer uso ou reprodução deve seguir as regras de direitos autorais da obra original.

Agradeço a compreensão e o apoio na divulgação do pensamento filosófico de Mainländer.

"Jesus lhe respondeu:

> 'Aquele que bebe desta água
> terá sede novamente;
> mas quem beber da água que lhe darei,
> nunca mais terá sede.
> Pois a água que eu lhe der
> tornar-se-á nele fonte de água
> jorrando para a vida eterna'.

Disse-lhe a mulher: 'Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir aqui para tirá-la!'."

João 4, 13-15

Introdução

Na filosofia, isto é, na filosofia honesta, só é possível a navegação costeira: a experiência deve sempre ser visível. Quem orienta sua embarcação apenas para o "oceano sem margens" está condenado à própria morte como filósofo.

A verdadeira filosofia deve ser estritamente imanente, ou seja, seu material e seu limite devem ser o mundo. Ela deve explicar o mundo a partir de princípios que podem ser reconhecidos por qualquer pessoa dentro dele e não deve recorrer a poderes extramundanos – dos quais nada se sabe em absoluto – nem a poderes mundanos que, embora existam, não podem ser reconhecidos em sua essência.

Além disso, a verdadeira filosofia não deve ignorar o sujeito cognoscente e falar das coisas como se estas, independentemente de um olho que as vê ou de uma mão que as sente, fossem exatamente do mesmo modo que o olho as vê e a mão as sente.

O indivíduo exige, mais do que nunca, a restauração de seu direito que foi rasgado e pisoteado, mas que permanece irremediavelmente seu. O presente trabalho é a primeira tentativa de concedê-lo plenamente.

A filosofia da redenção é uma continuação das doutrinas de Kant e Schopenhauer e uma confirmação do budismo e do cristianismo puro. Esses sistemas filosóficos são corrigidos e complementados por ela, que também reconcilia essas religiões com a ciência.

Ela não fundamenta o ateísmo em crenças, como fazem essas religiões, mas, como filosofia, baseia-o no conhecimento. Por isso, o ateísmo foi pela primeira vez fundamentado cientificamente.

O ateísmo entrará no conhecimento da humanidade, porque está madura para isso: a humanidade atingiu a maioridade.

I.
Sobre a origem do universo

Temos um único milagre: a origem do universo. O universo em si, assim como qualquer de seus fenômenos, não é milagroso. Nenhuma ação dentro do universo contradiz as leis do pensamento.

Não podemos, no domínio imanente, nesta vida, ir além da multiplicidade. Como investigadores honestos, nem mesmo no passado se pode destruir a multiplicidade, devemos permanecer, pelo menos, na dualidade lógica.

No entanto, a razão não pode deixar de insistir repetidamente na necessidade de uma unidade simples. Seu argumento é que, para ela, todas as forças que mantemos de maneira separada são essencialmente iguais no fundo por motivos mais profundos e, portanto, não devem ser separadas.

O que fazer diante desse dilema? É claro que a verdade não deve ser negada e o domínio imanente deve ser preservado em sua total pureza. Só há uma saída. Portanto, deixemos agora confluir as últimas forças para o domínio transcendente, as quais não podíamos tocar sem nos transformar em seres fantasiosos. É um domínio passado, extinto, e com ele também a unidade simples também é algo passado e extinto.

Ao fundirmos a multiplicidade em uma unidade, destruímos, acima de tudo, a força; pois a força tem validade e significado apenas no domínio imanente, no mundo. Isto implica que não podemos formular qualquer representação da essência de uma unidade pré-cósmica, muito menos uma noção dela. A total incognoscibilidade dessa unidade fica ainda mais clara quando trazemos todas as funções e formas apriorísticas e todas as conexões *a posteriori* de nossa mente diante dela. Ela é a cabeça de Medusa, diante da qual todos paralisam.

Primeiro, os sentidos falham; pois só podem reagir à eficácia de uma força e a unidade não atua como uma força. Então, a mente permanece completamente inativa. Aqui, sim, e na verdade apenas aqui, o ditado "a mente está paralisada" tem plena validade. Nem pode aplicar sua lei de causalidade, pois não há sensação, nem pode usar suas formas espaço e matéria, pois falta um conteúdo para essas formas. Então a razão desmorona,

impotente. O que ela deve associar? Qual a utilidade da síntese? Qual o uso da forma, o presente, sem o ponto de movimento real? De que serve para razão o tempo, que, para ser realmente algo, precisa da sucessão real como fundamento? O que pode fazer a unidade simples diante da causalidade geral, cuja tarefa é associar a eficácia como efeito a ação de uma coisa em si – enquanto causa – com a influência que exerce sobre outra? Pode ela utilizar o importante vínculo comunitário onde não há uma interconexão simultânea de forças distintas – um vínculo dinâmico – mas apenas uma unidade simples que dirige os olhos enigmáticos sobre ela? De que serve a substância, que é apenas o substrato ideal da ação variada de muitas forças?

E nada disso nos permite reconhecê-la!

Portanto, podemos apenas definir a unidade simples negativamente e, em nosso atual ponto de vista, como: inativa, inextensa, indistinta, indivisível (simples), imóvel, atemporal (eterna).

Mas não devemos esquecer e devemos manter firmemente que essa unidade simples, enigmática e completamente incognoscível, se extinguiu com seu domínio transcendente e não existe mais.

O domínio transcendente realmente não existe mais. No entanto, se retrocedermos com a imaginação até o início do domínio imanente, podemos figurativamente colocar o transcendente ao lado do imanente. Mas então, ambos são separados por um abismo sem fundo, que nunca, por nenhum meio do espírito, pode ser ultrapassado. Apenas um fio fino atravessa o abismo sem fundo: é a existência. Podemos transferir todas as forças do domínio imanente para o transcendente sobre esse fio fino: ele pode suportar esse peso. Mas assim que as forças chegam ao campo do além, elas deixam de ser forças para o pensamento humano.

O princípio fundamental, a vontade, tão conhecido e íntimo no domínio imanente, e o princípio secundário, igualmente íntimo, o espírito, perdem, como a força, toda e qualquer significação para nós assim que as deixamos transitar para o domínio transcendente. Eles perdem totalmente sua natureza e se ocultam completamente ao nosso conhecimento.

Assim, somos obrigados a declarar que a unidade simples não era vontade, nem espírito, tampouco uma combinação peculiar de ambos. Dessa forma, perdemos os últimos pontos de apoio. Em vão pressionamos os mecanismos de nosso engenhoso e maravilhoso

aparato para o conhecimento do mundo exterior: os sentidos, a mente e a razão se esvaem. Inutilmente mantemos os princípios encontrados em nós, na autoconsciência, vontade e espírito, como espelhos diante do ser enigmático invisível na altura do abismo, esperando que se revele neles: mas eles não refletem nenhuma imagem. Porém, agora temos também o direito de dar a esse ser o nome conhecido que sempre designou o que nenhuma imaginação, nenhum voo da mais audaciosa fantasia, nenhum pensamento abstrato, por mais profundo, nenhuma mente concentrada e devota, nenhum espírito encantado e arrebatado, jamais alcançou: *Deus*.

Mas essa unidade simples foi; ela não é mais. Ela se fragmentou completamente, transformando sua essência absoluta em um mundo de multiplicidade. Deus morreu e Sua morte foi a vida do mundo.

Aqui residem para o pensador meditativo, duas verdades que satisfazem profundamente o espírito e elevam o coração. Primeiro, temos um domínio imanente puro, onde, ou atrás ou acima, nenhuma força reside, seja ela como for, que faz com que os indivíduos ajam ora de uma maneira, ora de outra, como o diretor oculto de um teatro de marionetes. Em segundo lugar, a verdade de que tudo o que é, existiu antes do mundo em Deus. Existíamos nele: nenhuma outra palavra devemos usar. Se quisermos dizer que vivíamos e nos movemos nele, isso seria falso, pois estaríamos transferindo atividades das coisas deste mundo para um ser totalmente inativo e imóvel.

Além disso, não estamos mais em Deus; a unidade simples foi destruída e morreu. Pelo contrário, estamos em um mundo de multiplicidade, cujos indivíduos estão unidos em uma sólida unidade coletiva.

A beleza é o reflexo da existência pré-cósmica, o bem é a fria sombra que o nirvana extramundano projeta sobre o "dia abafado" da vida.

A partir da unidade original, já derivamos de maneira mais desenvolvida a conexão dinâmica do universo. Da mesma forma, agora deduzimos dela a finalidade no mundo, que nenhum ser racional negará. Permanecemos diante da decomposição da unidade na multiplicidade, sem agora especular sobre o porquê e como essa aniquilação se consumou. O fato é suficiente. A decomposição foi o ato de uma unidade simples, seu primeiro e último, seu único ato. Toda vontade presente recebeu essência e movimento nesse ato unitário, e, portanto, tudo no mundo está interconectado: é essencialmente orientado para a finalidade.

Finalmente, deduzimos indiretamente da unidade original e diretamente do primeiro movimento a evolução do universo. A decomposição na multiplicidade foi o primeiro movimento, e todos os movimentos que se seguiram, por mais distantes que estejam, que se entrelaçam, aparentemente confundem-se e se desenredam, são apenas suas continuações. O movimento único do mundo, resultado das ações constantes e contínuas da conexão dinâmica de todos os indivíduos, é o destino do universo.

Assim, Deus se tornou o mundo, cujos indivíduos estão em interação contínua. No entanto, a conexão dinâmica consiste em que cada vontade individual afeta o todo e experimenta a eficácia do todo, mas a eficácia é movimento, então o destino não é nada além do devir do mundo, o movimento da conjuntura órfica, o resultado de todos os movimentos singulares.

A unidade simples existiu, mas não podemos predizer mais nada sobre ela. De que tipo era essa existência, esse ser, permanece completamente desconhecido para nós. Se quisermos determiná-la mais precisamente, devemos recorrer novamente à negação e afirmar que ela não tem semelhança com qualquer ser conhecido, pois todo ser que conhecemos é um ser em movimento, um devir, enquanto a unidade simples era imóvel, estava em absoluto repouso. Seu ser era Super-ser[1].

Nosso conhecimento positivo de que a unidade simples existiu permanece completamente intacto; pois a negação não afeta a existência em si, mas apenas o modo de existência que não podemos compreender. A partir deste conhecimento positivo – de que a unidade simples existiu – flui, por si só, outro importantíssimo conhecimento, de que a unidade simples também deve ter uma essência determinada, pois toda existência pressupõe uma *essentia*, e é inconcebível que uma unidade pré-cósmica, mas em si insubstancial, tenha existido, isto é, que tenha sido nada.

Mas quanto à *essentia* de Deus, assim como à sua existência, também não podemos formar a menor concepção. Tudo o que compreendemos e reconhecemos no mundo como essência das coisas individuais está inextricavelmente ligado ao movimento, e Deus descansava. Se quisermos, apesar disso, determinar sua essência, só podemos fazê-lo negativamente e admitir que a essência de Deus é para nós inatingível, embora em si essa essência divina fosse uma Super-essência totalmente determinada.

---

[1] No original “Übersein”.

Da mesma forma, nosso conhecimento positivo – de que a unidade simples tinha uma essência determinada – não é afetado de forma alguma por essa negação.

Até aqui está tudo claro, mas também parece que a sabedoria humana chega a um limite, e a decomposição da unidade na multiplicidade é simplesmente insondável.

No entanto, não estamos completamente desamparados. Acabamos de testemunhar a decomposição da unidade na multiplicidade, a transição do domínio transcendente para o imanente, a morte de Deus e a origem do universo. Estamos diante de um ato, o primeiro e único ato da unidade simples. Após o domínio transcendente veio o imanente; algo surgiu que não existia antes: não deveria haver aqui a possibilidade de investigar o ato em si, sem nos tornarmos fantasiosos e nos perdermos em devaneios? Devemos ser bastante cautelosos.

Estamos, na verdade, diante de um acontecimento que só podemos interpretar como um ato; também temos total legitimidade para chamá-lo assim, pois ainda estamos totalmente no domínio imanente, que não é outra coisa senão esse ato. No entanto, ao investigarmos os fatores que geraram esse ato, deixamos o domínio imanente e nos encontramos no "oceano sem margens" do transcendente, o qual nos é proibido, porque toda nossa capacidade cognitiva falha nesse domínio.

No domínio imanente, no mundo, conhecemos sempre os fatores (em si) de qualquer ato: sempre há, por um lado, uma vontade individual de caráter específico e, por outro, uma motivação adequada. Se quisermos utilizar esse fato indiscutível na presente questão, deveríamos simplesmente designar o mundo como um ato que emanou de uma vontade divina e de uma inteligência divina; ou seja, estaríamos em completo desacordo com os resultados da filosofia imanente, pois descobrimos que a unidade simples não era vontade, nem espírito, nem uma combinação de vontade e espírito; ou, nas palavras de Kant, transformaríamos princípios imanentes – de maneira arbitrária e sofística – em princípios constitutivos no domínio transcendente, que é *toto genere*[2] diferente do imanente.

No entanto, surge de repente um caminho alternativo que podemos seguir sem duvidar.

Estamos, como já dissemos, diante de um ato da unidade simples. Se quisermos chamar esse ato simplesmente de um ato de vontade motivada, como todos os atos

[2] "Toto genere" refere-se a algo que abrange ou se aplica a toda uma categoria ou gênero, sem exceções.

conhecidos no mundo, estaríamos traindo nosso propósito, traindo a verdade e sendo sonhadores ingênuos, pois não podemos atribuir a Deus nem vontade, nem espírito. Os princípios imanentes, vontade e espírito, não podem de forma alguma ser transferidos para o ser pré-cósmico; não devemos torná-los princípios constitutivos para a derivação do ato.

Por outro lado, podemos considerá-los – vontade e espírito – como princípios reguladores para "a simples avaliação" do ato; ou seja, podemos tentar entender a origem do mundo assumindo que foi um ato de vontade motivada.

A diferença salta imediatamente aos olhos. No último caso, julgamos apenas de forma problemática – por analogia com os atos neste mundo – sem emitir qualquer julgamento apodítico sobre a essência de Deus, o que seria uma presunção desmedida. No primeiro caso, no entanto, afirma-se diretamente que a essência de Deus, assim como a do ser humano, teria sido uma união inseparável de vontade e espírito. Se alguém diz isso, ou se expressa de forma velada chamando a vontade de Deus de vontade *potencial*, uma vontade em repouso, inativa, e o espírito de Deus de espírito *potencial*, um espírito em repouso, inativo, de qualquer maneira, isso afronta os resultados da pesquisa honesta: pois, com a vontade, o movimento é pressuposto, e o espírito é vontade diferenciada com um movimento singular. Uma vontade em repouso é uma *contradictio in adjecto*[3] e carrega a marca do paradoxo lógico.

Portanto, não estamos entrando por um caminho proibido ao considerar o ato de Deus como se fosse um ato de vontade motivada, e, portanto, atribuir temporariamente a vontade e o espírito à essência de Deus apenas para avaliar o ato.

É claro que devemos atribuir-lhe tanto a vontade quanto o espírito, e não apenas a vontade, pois Deus estava em absoluta solidão, e nada existia junto Dele. De fora, ele não poderia ser motivado, apenas por si mesmo. Em sua autoconsciência, refletia apenas sua essência e sua existência, nada mais.

Dessa maneira, decorre logicamente que a liberdade de Deus (o *liberum arbitrium indifferentiae*[4]) só poderia manifestar-se em uma única escolha: ou permanecer como era ou não ser. Embora ele tivesse a liberdade de ser diferente, em todas as direções desse ser

---

[3] "Contradictio in adjecto" é uma expressão que descreve uma contradição entre um adjetivo e o substantivo que modifica, resultando em uma expressão lógica ou semântica incoerente.

[4] "Liberum arbitrium indifferentiae" refere-se à ideia de um livre arbítrio que é indiferente ou neutro em relação às opções disponíveis.

diferente, a liberdade teria que permanecer latente, pois não podemos conceber um ser mais perfeito e melhor do que a unidade simples.

Assim, Deus só tinha uma única ação possível, e era uma ação livre, porque ele não estava sob nenhuma coibição, pois poderia tanto não executá-la quanto executá-la, isto é, entrar no absoluto nada, no *nihil negativum*[5], ou seja, destruir-se completamente, cessar de existir.

Se esse foi seu único ato possível e estamos diante de um ato completamente diferente, o mundo, cujo ser é um constante devir, a questão que se coloca é: por que Deus não se desfez imediatamente em nada, se não queria ser? Vocês devem conceder a Deus onipotência, pois seu poder não era limitado por nada; portanto, se ele não queria ser, deveria ter sido imediatamente aniquilado. Em vez disso, surgiu um mundo de multiplicidade, um mundo de conflito. Isso é uma contradição óbvia. Como vocês a resolveriam?

A primeira resposta é que, de fato, é logicamente certo que a única ação possível para a unidade simples era a aniquilação completa de si mesma; por outro lado, o mundo prova que essa ação não ocorreu. Mas essa contradição pode ser apenas aparente. Ambas as ações, tanto a única logicamente possível como a real, devem se unir em seu fundamento. Mas como?

É claro que elas só se podem unir se for provado que algum obstáculo impossibilitou a destruição imediata de Deus. Portanto, devemos procurar esse obstáculo.

Na questão acima, disse-se: "Vocês devem conceder a Deus onipotência, pois seu poder não era limitado por nada." Mas essa afirmação é falsa em sua generalidade. Deus existia sozinho em absoluta solidão, e é, portanto, correto que ele não era limitado por nada além dele mesmo; seu poder era, portanto, onipotência no sentido de que nada fora dele o limitava. Mas não era onipotência em relação ao seu próprio poder; em outras palavras, seu poder não podia se destruir a si mesmo, a unidade simples não podia cessar de existir por si mesma.

Deus tinha a liberdade de ser como quisesse, mas não era livre de sua essência determinada. Deus tinha a onipotência de exercer sua vontade e de ser de qualquer maneira; mas não tinha o poder de simplesmente não ser ao mesmo tempo.

---

[5] "Nihil negativum" é uma expressão que se refere à ideia de que o "nada" não possui características ou qualidades positivas; é uma negação pura, sem qualquer atributo ou essência.

A unidade simples tinha o poder de ser de maneira diferente do que era, mas não tinha o poder de não ser em absoluto. No primeiro caso, ela permanecia no ser, no segundo caso, deveria não ser; mas ela estava em seu próprio obstáculo, pois, embora não possamos investigar a essência de Deus, sabemos que era um Super-essência, e essa Super-essência, residindo em um determinado Super-ser, não podia por si mesma, como unidade simples, não-ser. Esse foi o obstáculo.

Teólogos de todos os tempos deram a Deus, irreflexivamente, o atributo de onipotência, ou seja, atribuíram-lhe o poder de realizar tudo o que quisesse. No entanto, nenhum deles considerou a possibilidade de que Deus também pudesse desejar tornar-se nada. Essa possibilidade nunca foi considerada. Mas quando a considerarmos seriamente, vemos que, nesse único caso, a onipotência de Deus estava limitada por si mesma, pois não era uma onipotência em relação a si mesma.

A única ação de Deus – a decomposição na multiplicidade – se apresenta como a realização do ato lógico, a decisão de não ser, ou, em outras palavras: o mundo é o meio para o fim do não-ser, e é o único meio possível para esse fim. Deus percebeu que só poderia passar do Super-ser para o não-ser através da criação de um mundo real de multiplicidade, somente por meio do domínio imanente (o universo).

Caso contrário, não seria claro que a essência de Deus era o obstáculo para que ele se desfizesse imediatamente em nada, nossa ignorância do obstáculo não deveria nos perturbar. Teríamos então que postular um obstáculo irreconhecível no domínio transcendente; pois, no domínio puramente imanente, se mostrará completamente convincente para qualquer um que o universo realmente se move do ser para o não-ser.

As questões que ainda poderiam ser levantadas, como por que Deus não desejou o não-ser antes, e por que ele preferiu o não-ser ao Super-ser, são sem importância; pois, no que diz respeito a primeira, "antes" é um conceito temporal que não tem sentido na eternidade, e no que se refere a última, o próprio ato do mundo a responde satisfatoriamente. O não-ser deve ter merecido a preferência sobre o Super-ser, caso contrário, Deus, em sua sabedoria suprema, não teria escolhido. E isso é ainda mais válido, considerando os sofrimentos das ideias superiores que conhecemos, dos animais mais próximos de nós e dos seres humanos, com os quais o não-ser pode ser alcançado apenas através de grandes tormentos.

Temos apenas atribuído temporariamente vontade e espírito à essência de Deus e considerado o ato de Deus como se fosse um ato de vontade motivada, para obter um princípio regulador para a simples avaliação do ato. Seguimos por esse caminho até o fim, e a razão especulativa pode estar satisfeita.

No entanto, não devemos abandonar nossa posição peculiar entre o domínio imanente e o transcendente (estamos suspensos por um fio fino da existência sobre o abismo sem fundo que separa ambos os domínios) até que tenhamos novamente declarado claramente que a essência de Deus não era uma combinação de vontade e espírito – como a do ser humano – tampouco uma fusão de vontade e espírito. A verdadeira origem do mundo nunca poderá ser compreendida pela mente humana. O único que podemos e devemos fazer – do qual fizemos uso – é interpretar o ato divino por analogia com os atos no mundo, sempre conscientes do fato e nunca perdendo de vista que:

"Agora vemos em espelho e de maneira confusa" (1 Coríntios 13)

e ajustamos nossa compreensão a um ato que – como um ato homogêneo de uma unidade simples – nunca pode ser captado pelo espírito humano.

O resultado da composição gradual é satisfatório. Mas não devemos esquecer que poderíamos estar igualmente satisfeitos se nos fosse negado refletir obscuramente o ato divino; pois o domínio transcendente e sua unidade simples desapareceram sem deixar rastro em nosso mundo, onde apenas vontades individuais existem e ao lado ou além dela não existe mais nada, assim como antes do mundo apenas existia a unidade simples. E este mundo é tão amplo que responde – de forma tão clara e evidente – quando perguntado honestamente, que o pensador honesto se desvia alegremente do "oceano sem margens" e com prazer consagra totalmente sua força espiritual ao ato divino, ao livro da natureza que sempre se encontra aberto diante dele.

Antes de prosseguirmos, vamos resumir os resultados:

1. Deus queria o não-ser;
2. sua essência foi o obstáculo para a entrada imediata no não-ser;
3. a essência teve que se decompor em um mundo de multiplicidade, cujos seres individuais têm todos o desejo de não ser;
4. nesse desejo, eles se impedem mutuamente, lutam entre si e assim enfraquecem sua força;

5. toda a essência de Deus foi transferida para o mundo em uma forma transformada, como uma determinada soma de forças;
6. todo o mundo, o universo, tem um objetivo, o não-ser, e o alcança através do contínuo enfraquecimento de sua soma de forças;
7. cada indivíduo é, pelo enfraquecimento de sua força, levado em seu processo evolutivo até o ponto em que seu desejo de aniquilação pode ser cumprido.

Ensinei em minha obra um único milagre: a origem do universo e retirei desse milagre todo o abominável. Assim, o próprio universo ficou livre de milagres; tornou-se, sem exceção, algo racional, sem que por trás ou dentro dele residisse uma unidade simples que gerasse aqueles atos milagrosos que nos contam de forma tão sentimental.

II.
A lei universal do enfraquecimento da força

Heráclito disse que o conflito é o pai de todas as coisas. Eu acrescento: não pode haver fricção suficiente no universo.

O movimento do universo é o movimento do Super-ser para o não-ser. O mundo é a decomposição na multiplicidade, ou seja, em individualidades egoístas, voltadas umas contra as outras. Somente nessa luta entre essências, que anteriormente eram uma unidade simples, a mesma essência original pode ser destruída. A decomposição foi o primeiro ato, o início do movimento pensado, e permanece que o mundo e sua constituição devem ser relacionados ao único fim que se estende do domínio transcendente para o imanente: a existência associada a uma *essentia*. Essa *essentia* tornou o processo necessário; do contrário, ele seria desnecessário.

O movimento do mundo, portanto – em relação à primeira decomposição na multiplicidade – é o movimento do ser original, para nós incompreensível, ou seja, do ser relativo – através do ser real – para o não-ser absoluto. E esse movimento não poderia ter sido outro. Teve que ser como é; sua essência não poderia ser de outra forma, nem maior, nem menor.

O primeiro movimento e a origem do universo são uma e a mesma coisa. A transformação da unidade simples no mundo da multiplicidade, a transição do domínio transcendente para o imanente, foi o primeiro movimento. Todos os movimentos subsequentes foram apenas continuações desse primeiro, ou seja, não poderiam ser nada além da nova decomposição ou subsequente fragmentação das ideias.

Essa decomposição subsequente só pode se manifestar nos primeiros períodos do mundo por meio da divisão real da matéria simples e por conexões. Cada força química simples tinha a tendência de expandir sua individualidade, ou seja, mudar seu movimento, mas encontrava a mesma tendência em cada outra força, gerando assim as mais terríveis batalhas das ideias em seus estados mais intensos e agitados. O resultado era sempre uma conexão química, ou seja, a vitória da força mais forte sobre uma mais fraca e a entrada da nova ideia na luta incessante. O objetivo da conexão era inicialmente manter-se, e depois, se

possível, expandir sua individualidade novamente. Mas ambas as intenções encontravam oposição de outras ideias, primeiro para dissolver a conexão, depois para se unir às ideias separadas.

No decorrer dessa luta perpétua das ideias imortais – que fundamentam todas as conexões – formaram-se corpos celestes, dos quais a nossa Terra tornou-se gradualmente madura para a vida orgânica. Se interrompemos o desenvolvimento aqui e consideramos os indivíduos existentes e seus estados como produtos finais, a pergunta imediatamente se impõe: O que aconteceu? Todas as ideias – das quais a Terra estava composta naquela época – estavam na ardente nebulosa primordial, da qual a teoria de Kant-Laplace parte. Lá, uma luta feroz de gases e vapores, o caos; aqui, um corpo celeste fechado com uma crosta sólida, cujas cavidades eram preenchidas por um mar quente, e acima de tudo, uma atmosfera vaporosa, nebulosa e rica em dióxido de carbono.

O que aconteceu?, ou melhor ainda: serão as vontades individuais – das quais está conformada esta Terra suspensa no devir – as mesmas que giravam na ardente nebulosa originária? Claro que sim! A conexão genética está presente. E continuará sendo a essência de qualquer individualidade tal como era na origem do universo? Não, sua força mudou, perdeu intensidade, enfraqueceu!

Esta é a grande verdade que a geologia ensina. Um gás, em sua essência, é mais forte do que um líquido, e este é mais forte do que um sólido. Não devemos esquecer que o mundo tem um limite de força, e que, portanto, qualquer ideia cuja intensidade diminua não pode ser reforçada sem que outra ideia perca força. Um reforço é possível, mas sempre às custas de outra força, ou, em outras palavras, se em uma luta das ideias inorgânicas uma delas é enfraquecida, a soma objetiva das forças no universo é enfraquecida, e não há compensação para essa perda, porque o universo é finito e surgiu com uma determinada força.

Se assumirmos, então, que a nossa Terra um dia explodirá, como o planeta entre Marte e Júpiter se despedaçou, a crosta terrestre sólida pode realmente fundir novamente e todo líquido se tornar vapor, mas às custas das ideias que provocam esses processos. Embora a Terra, aparentemente, seja retrocedida a um estado mais intenso por tal revolução, ela ainda, como uma soma de forças determinada, se tornou mais fraca.

E se hoje os processos violentos no Sol cessarem e, devido a isso, todos os corpos do nosso sistema solar se fundirem novamente com o Sol, e o Sol e os planetas se inflamarem

em um imenso incêndio cósmico, as forças que constituem o sistema solar passaram para um estado de maior excitação, mas à custa da força total contida em nosso sistema solar.

Nada diferente ocorre ainda hoje no reino inorgânico. As ideias lutam continuamente umas contra as outras. Novas uniões são geradas incessantemente, sendo, por sua vez, divididas com violência; no entanto, as forças divididas se unem imediatamente a outras, em parte forçando, em parte sendo forçadas. E o resultado também aqui é o enfraquecimento da força; isso, apesar de não haver evidência hoje, devido ao desenvolvimento lento, uma vez que escapa à percepção sensorial.

No reino orgânico, desde o momento de sua criação e continuamente, como uma continuação do primeiro movimento, a decomposição na multiplicidade predomina. O impulso de cada organismo é apenas preservar sua existência e, seguindo esse impulso, por um lado, luta por sua existência individual, por outro, garante sua preservação após a morte através da reprodução.

Fica claro que tanto essa crescente dispersão quanto a consequente luta pela existência – cada vez mais intensa e terrível – devem ter o mesmo resultado que a luta no reino inorgânico, ou seja, o enfraquecimento dos indivíduos. Aqui, apenas aparentemente, o fato de que o indivíduo mais forte – no sentido mais amplo – seja o vencedor na luta pela existência e o mais fraco perca parece se opor, pois geralmente o mais forte sempre triunfa. No entanto, em cada nova geração, os indivíduos mais fortes tornam-se menos fortes e os mais fracos tornam-se mais fracos do que seus antecessores.

Assim como a geologia é para o reino inorgânico, a paleontologia é para o reino orgânico, a fonte relevante que está fora de qualquer dúvida e da qual esta verdade é extraída: na luta pela existência, os indivíduos embora se aperfeiçoem e alcancem níveis mais altos de organização, tornam-se mais fracos. Essa verdade se impõe a todo aquele que examina os documentos e, ao fazê-lo, estabelece comparações com nossas plantas e animais atuais. O documento só pode ensinar isso, pois informa sobre sucessões de eventos extraordinariamente longos ou, dito de forma subjetiva, informa sobre as mudanças em períodos inconcebivelmente longos. Isso acontece porque ela integra partes finais com iniciais de séries de eventos muito vastos e, através disso, pode tornar evidente a diferença.

Contemplar diretamente o enfraquecimento não é possível. No entanto, apenas na política, como veremos mais adiante, é possível constatar o enfraquecimento dos organismos sem ter que penetrar no mundo primitivo e invocar a paleontologia. Na física,

não podemos fornecer a prova direta e temos que nos conformar com a via indireta, ao ter encontrado na escrita petrificada da crosta terrestre a grande lei do enfraquecimento dos organismos.

Assim, vemos no reino orgânico, como no inorgânico, um movimento fundamental: a decomposição na multiplicidade, e aqui como lá, como primeira consequência, a disputa, a luta, a guerra, e, como segunda consequência, o enfraquecimento da força. Mas tanto a decomposição na multiplicidade quanto as duas consequências são, no reino orgânico, em todos os aspectos, maiores do que no inorgânico.

Vimos que uma única grande lei governou, governa e governará a natureza desde o início até sua aniquilação: a lei do enfraquecimento da força. A natureza envelhece. Aquele que fala de uma "eterna" juventude da natureza (deveria pelo menos, para ser logicamente correto, dizer "infinita") julga como o cego em relação às cores e está no mais baixo nível de conhecimento.

Tudo no universo está sob a regência dessa grande lei, inclusive o homem. Ele é, fundamentalmente, “vontade de morrer”, pois as ideias químicas que constituem seu tipo – as quais se conservaram desde sua aparição até seu desaparecimento – desejam a morte. Mas como só podem alcançar isso por meio do enfraquecimento e não há meio mais eficaz para isso do que o desejo pela vida, o meio se coloca à frente do fim de forma demoníaca, a vida à frente da morte, e o homem aparece como pura vontade de viver.

Ao se dedicar exclusivamente à vida, sempre faminto e desejoso de vida, ele age no interesse da natureza e também no seu próprio; pois ele enfraquece a soma de forças do universo e também seu tipo, sua individualidade, que, como uma ideia singular, tem uma meia autonomia. Ele está no caminho da redenção: isso não há dúvida; mas é um longo caminho, cujo fim não é visível.

Por outro lado, aquele que se agarra à vida com mil braços – com a mesma necessidade do homem primitivo – e que teve que se afastar dela, é superado pelo claro e frio conhecimento do objetivo antes do meio, da morte antes da vida. Ele também age no interesse da natureza e no seu próprio. No entanto, enfraquece de forma mais eficaz tanto a força das somas do cosmos quanto as de seu tipo. É quem desfruta em vida a bem-aventurança da paz do coração e encontra na morte a aniquilação absoluta, o que tudo na natureza anseia. Ele transita longe da ampla estrada das multidões da redenção, pela breve senda da redenção: diante dele está a altitude em luz dourada; ele a vê e a alcançará.

Portanto, o primeiro alcança o objetivo através da afirmação da vontade de viver, em um caminho escuro e abafado, onde a aglomeração é terrível e tudo empurra e é empurrado. E este alcança o mesmo objetivo através da negação da vontade, em um caminho claro, apenas espinhoso e íngreme no princípio, depois plano e glorioso, onde não há pressão, gritos ou gemidos. Não obstante, o primeiro alcança o objetivo apenas após um tempo indeterminado, durante o qual vive sempre insatisfeito, ansioso, cheio de dor e sofrimento, enquanto este se apodera do objetivo no fim de seu percurso individual, durante todo o qual está livre de preocupações, sofrimento e dor, vive na paz mais profunda da alma, numa serenidade imperturbável.

O primeiro se arrasta penosamente, sempre limitado, querendo avançar e não podendo; este é sustentado como se por coros de anjos, e como ele não pode desviar o olhar da altura iluminada e se perde completamente na contemplação, ele está no objetivo, não sabe como. Primeiro parecia tão distante, agora está alcançado!

Portanto, ambos querem o mesmo, e ambos alcançam; a diferença entre os dois está unicamente na natureza de seu movimento.

Aqui vemos que a vontade deve ser mais do que uma forma absolutamente vazia e independente da representação, ou seja, deve ser uma terrível energia cega, uma força que quer algo, mas que, justamente por si mesma, não pode alcançar imediatamente o desejado; e esse único desejo é a morte absoluta. A força poderia alcançar todo o mais de modo imediato, exceto sua própria aniquilação.

Dessa forma, essa força deve ser eliminada pelo processo do universo. A energia, ou seja, a força que carrega seu objetivo em si, sem representação (direção da ação), essa vontade de morrer, se aproxima de seu objetivo à medida que enfraquece.

Agora há um sentido no universo: A lei do enfraquecimento da força é a lei do universo. Para a humanidade, significa lei do sofrimento.

III.
Teleologia da aniquilação

A única causa final que o filósofo imanente pode admitir é o nada; no entanto, ele determina expressamente que essa única causa final só pode ser estabelecida e utilizada de maneira reguladora. Não se pode, portanto, afirmar de maneira constitutiva: O universo tem uma causa final; mas deve-se dizer: o universo se move como se tivesse uma causa final.

O primeiro movimento cego e inconsciente que o indivíduo teve, ele o recebeu no colapso de uma unidade simples, insondável e pré-cósmica. Em seu movimento, o impulso para o objetivo e o próprio objetivo estavam inseparavelmente unidos. Não se pode falar de uma representação do objetivo nos primeiros indivíduos do mundo. O primeiro impulso deles foi tudo. Esse impulso ainda vive hoje (modificado por tudo o que fluiu para o indivíduo desde o início do mundo até este momento) no demônio inconsciente de cada ser humano. Por isso a infalibilidade, por isso a segurança do puro demônio, ou melhor, do puro instinto nos animais, do impulso nas plantas e do impulso em direção a um ponto ideal ou em todas as direções no reino inorgânico.

Com esse impulso cego e infalível, a consciência no ser humano interage. O demônio criou para si um cérebro – um órgão pensante, sensível e intuitivo – ao qual a consciência é própria, gerando-a a partir de si mesma, só porque queria um movimento mais rápido e melhor em direção ao objetivo, que não poderia imaginar.

Esse demônio eu revelei como a vontade de morrer. A vontade de morrer é, à luz da consciência, a essência do inconsciente, e mais especificamente do inconsciente individual, não de um inconsciente total e universal, imaginado ou fantasioso. O demônio individual inconsciente e o espírito consciente buscam a morte absoluta, cooperam nesse desejo, se apoiam, ajudam-se mutuamente e, em todo ser humano, mais cedo ou mais tarde, alcançarão seu objetivo, porque a vontade deseja a vida como meio para a morte (enfraquecimento gradual da força).

Esse é o verdadeiro inconsciente, essa é a verdadeira harmonia no universo, apesar do ruído da luta, dos lamentos e gemidos, apesar dos conflitos no mesmo peito, apesar da fome e sede de vida, de onde nasce a luta pela existência. No mundo, só existem indivíduos. Mas

esses indivíduos estão entrelaçados pela origem de uma unidade simples, como uma faixa (ligação dinâmica das coisas). Essa unidade queria o não-ser, e por isso tudo no mundo e no indivíduo conspira em direção ao não-ser.

No reino inorgânico, temos gases, líquidos e corpos sólidos.

O gás tem apenas uma aspiração: expandir-se em todas as direções. Se pudesse exercer essa aspiração sem impedimentos, não seria destruído, mas se tornaria cada vez mais fraco; se aproximaria cada vez mais da aniquilação, mas nunca a alcançaria; ou seja, o gás aspira a aniquilação, mas não pode alcançá-la.

Nesse sentido, também devemos imaginar o estado do universo em seus primeiros momentos. Os indivíduos, como uma nebulosa primordial incandescente em rotação rápida, expandiam sua esfera de força, que, de forma subjetiva, não podemos determinar espacialmente, cada vez mais no nada absoluto, lutando incessantemente uns contra os outros, até que o cansaço de alguns se tornasse tão grande que eles não pudessem mais se manter no estado gasoso e se tornassem líquidos. Os físicos dizem: eles perderam parte de seu calor no espaço frio do universo. Que explicação pobre! Eles foram enfraquecidos por seu próprio esforço e pela luta de tal forma que, se houvesse um sujeito cognoscente presente, ele só poderia objetivar sua aspiração, sua essência, como líquido.

O líquido tem apenas uma tendência: fluir horizontalmente em todas as direções em direção a um ponto ideal fora dele. Mas que a tendência para um ponto ideal é uma clara tendência para o não-ser é evidente; pois qualquer líquido que conseguisse alcançar o objetivo de sua aspiração seria imediatamente aniquilado.

Nos períodos do universo em que os indivíduos gasosos se transformaram em líquidos, começou a formação dos corpos celestes. Todos os líquidos tinham apenas a aspiração para algum determinado ponto, que não podiam alcançar. Considerando apenas nosso sistema solar, havia uma única esfera gasosa colossal envolta em um mar ardente e líquido (semelhante a uma bolha de sabão). Cada gás no interior tinha a tendência de romper o mar e dispersar-se em todas as direções; o mar, por outro lado, tinha a tendência para o centro da esfera gasosa. Disto resultou uma tensão extraordinária, uma enorme pressão e contrapressão, sem outro resultado senão o enfraquecimento gradual das forças individuais, até que, finalmente, uma casca sólida se formou ao redor de tudo.

Cada corpo sólido tem apenas uma única tendência: para um ponto ideal fora dele. Em nossa Terra, esse ponto é o centro sem extensão. Se algum corpo sólido pudesse chegar

livremente ao centro da Terra, estaria completamente e para sempre morto no momento em que chegasse.

Os períodos seguintes do mundo, que se seguiram àqueles em que se formaram as cascas sólidas ao redor dos corpos celestes, foram preenchidos por grandes transformações. Como o universo inteiro, desde o início, estava em movimento rotacional, os corpos sólidos (provavelmente pouco densos) se desprenderam e giraram como anéis ao redor do sol central, até que se transformaram em planetas, enquanto o corpo central, de acordo com a hipótese de Kant-Laplace, continuava a esfriar e contrair (enfraquecimento da força), tornando-se mais denso.

O estado primordial do mundo se apresenta ao nosso pensamento como uma impotente aspiração dos indivíduos para a morte absoluta, que encontrou apenas uma realização parcial no enfraquecimento crescente da soma de forças determinadas. Reflete-se no mundo daquela época, assim como em qualquer gás de nosso mundo atual, o obstáculo transcendental que Deus encontrou em seu ser, quando não quis o não-ser, ou o momento retardador: em cada gás reflete-se o reflexo do destino transcendental, que Deus não quis o não-ser, mas não pôde realizá-lo imediatamente.

No reino inorgânico do universo, só existe vontade individual com uma tendência específica (movimento). A vontade é cega, ou seja, seu objetivo está em sua tendência, está já contido no movimento. Sua essência é puro impulso, pura vontade, seguindo sempre o impulso que recebeu na decomposição da unidade na multiplicidade.

Se dissermos, portanto, que o gás quer se dispersar *in indefinitum*, que os líquidos e corpos sólidos querem um ponto ideal fora deles, expressamos apenas que um sujeito cognoscente – seguindo a direção da tendência – chega a um objetivo específico. Independentemente de um sujeito cognoscente, cada corpo inorgânico tem apenas um movimento determinado, é impulso puro e verdadeiro, é apenas vontade cega.

E agora eu pergunto: como deve agora a vontade das ideias químicas refletir no espírito humano? Como vontade de viver? De forma alguma! De acordo com tudo o que foi dito, é pura vontade de morrer.

Este é um resultado muito importante. No reino inorgânico, sem exceção, a vida não é desejada, mas sim a aniquilação; a morte é desejada. Temos a vontade apenas porque algo deve ser alcançado que ainda não existe, porque há um momento retardador que torna a realização imediata impossível. A vida não é desejada, mas é apenas uma aparência da

vontade de morrer, e sim no estado primordial do mundo e no gás do presente: aparência do momento retardador no indivíduo, e em cada líquido e corpo sólido: aparência de uma tendência impedida de fora. Portanto, no reino inorgânico, a vida do indivíduo não é um meio para um fim, mas a luta em si é um meio, ou melhor, a multiplicidade que a condiciona. A vida no reino inorgânico é sempre apenas uma aparência, é o movimento gradual das ideias químicas para a morte.

Enquanto houver ideias gasosas no universo (e elas ainda prevalecem sobre todas as outras), a soma de forças existente no mundo não está madura para a morte. Todos os líquidos e corpos sólidos estão maduros para a morte, mas o universo é uma totalidade consistente, uma unidade coletiva interligada por um vínculo dinâmico com um único objetivo: o não-ser. Portanto, os líquidos e corpos sólidos só poderão alcançar a realização de sua aspiração quando todos os gases estiverem enfraquecidos a ponto de também se tornarem sólidos ou líquidos, ou em outras palavras: o universo só pode se tornar o nada quando toda a soma de forças contida nele estiver madura para a morte.

Entramos no reino orgânico. Da física, devemos lembrar que esta é apenas uma forma para o enfraquecimento da soma de forças no universo. Agora o chamamos melhor: a forma mais perfeita para a aniquilação da força. Isso é suficiente por agora. Em seguida, encontraremos um lugar onde poderemos nos aprofundar mais na organização e compreender seu significado completo.

A planta cresce, se reproduz (de alguma maneira) e morre (de acordo com algum período de vida). Deixando de lado todas as peculiaridades, o que nos salta aos olhos é o fato da verdadeira morte, que não pôde aparecer no reino inorgânico. Poderia a planta morrer se não quisesse morrer em seu íntimo? Ela apenas segue seu impulso básico, que extrai toda sua tendência da aspiração de Deus para o não-ser.

No entanto, a morte das plantas é só uma morte relativa, seu desejo encontra unicamente satisfação parcial. Ela gerou e através de sua geração continua vivendo. Embora a geração – a conservação da vida – seja certamente provocada de fora e dependa de outras ideias, no mais essencial ela surge da ideia mais interna da própria planta, de modo que a vida da planta é pelo menos um fenômeno completamente diferente daquela da ideia química. Enquanto para ela a vida é apenas um obstáculo à vontade de morrer, induzida e condicionada de dentro ou de fora, a vida é desejada diretamente pela planta. A planta nos mostra, portanto, a vontade de viver junto com a vontade de morrer, ou melhor, como quer

a morte absoluta que não pode alcançar, quer a vida diretamente como meio para a morte absoluta, e o resultado é a morte relativa.

O animal é, a princípio, planta, e tudo o que dissemos sobre ela se aplica também a ele. Como planta, ele é vontade de morrer e vontade de viver, e dessas aspirações resulta a morte relativa. Ele deseja a vida como meio para a morte absoluta.

Contudo, o animal é também uma combinação de vontade e espírito (em um certo nível). A vontade se dividiu parcialmente, e cada parte possui um movimento peculiarmente dividido. Isso modifica sua vida vegetal.

O espírito do animal percebe um objeto e instintivamente sente o perigo que o ameaça. O animal tem um medo instintivo da morte em relação a certos objetos. Estamos diante de um fenômeno extraordinariamente curioso. O animal, no mais profundo de seu ser, deseja a aniquilação, e ainda assim teme a morte devido ao seu espírito; pois este é uma condição, já que o objeto perigoso deve ser percebido de alguma maneira. Se ele não for percebido, o animal permanece calmo e não teme a morte. Como podemos explicar esse estranho fenômeno?

Já encontramos acima, no reino inorgânico, que certas individualidades estão maduras para a morte e se extinguiriam se fossem deixadas livres para seguir seu impulso. No entanto, elas devem viver como meio para o propósito do todo. Da mesma forma ocorre com o animal. O animal é um meio para o propósito do todo, assim como todo o reino orgânico é apenas um meio para o propósito do reino inorgânico. Sua natureza corresponde ao propósito específico que deve cumprir.

Esse propósito não podemos definir de outra maneira senão como uma extinção mais eficaz da força, que só pode ser alcançada por meio do medo da morte (vontade mais intensa de viver), e que, por sua vez, é um meio para o propósito do todo: a morte absoluta.

Enquanto que no reino vegetal a vontade de viver ainda está ao lado da vontade de morrer, no animal a vontade de viver se coloca à frente da vontade de morrer e a oculta completamente: o meio tomou o lugar do fim. Assim, superficialmente, o animal deseja apenas a vida, é pura vontade de viver e teme a morte, que é a única coisa que ele quer no fundo de sua essência. Pois, pergunto-me novamente: poderia o animal morrer se não quisesse morrer?

O ser humano é, primeiramente, um animal, e o que dissemos sobre este também se aplica a ele. Como animal, nele a vontade de viver se coloca à frente da vontade de morrer, e a vida é desejada de forma demoníaca, enquanto a morte é temida de forma demoníaca.

[página 35]

No ser humano, no entanto, ocorreu uma nova divisão da vontade e, com isso, uma nova divisão do movimento. À razão – que conecta a multiplicidade das percepções – juntou-se o pensamento, a razão reflexiva, a reflexão. Por este meio a sua vida animal é essencialmente modificada, e isso em duas direções completamente diferentes. Primeiramente, o medo da morte, por um lado, e o amor à vida, por outro, foram intensificados.

O medo da morte foi intensificado: o animal não conhece a morte e só a teme instintivamente quando percebe um objeto perigoso. O ser humano, por outro lado, conhece a morte e sabe o que ela significa. Ele olha para o passado e vislumbra o futuro. Com isso, ele percebe muito mais, eu diria, infinitamente mais perigos do que o animal.

O amor à vida também é intensificado. O animal segue principalmente seus instintos, que se limitam à fome, sede, necessidade de sono e tudo o que está relacionado ao acasalamento. Ele vive em uma esfera estreita. Para o ser humano, no entanto, por meio da sua razão, a vida se apresenta em formas como riqueza, mulheres, honra, poder, fama, etc., que inflamam sua vontade de viver e seu desejo pela vida. A razão reflexiva multiplica seus impulsos, os intensifica e pensa nos meios de satisfazê-los: ela transforma a satisfação em um prazer artificialmente refinado.

Dessa maneira, a morte é odiada com toda a alma, e, ao simples som da palavra, o coração da maioria das pessoas se contrai dolorosamente, e o medo da morte se transforma em angústia e desespero quando os humanos encaram a morte. Em contrapartida, a vida é amada com paixão.

No ser humano, portanto, a vontade de morrer, o impulso mais íntimo de sua essência, não é mais simplesmente encoberta pela vontade de viver, como no animal, mas desaparece completamente nas profundezas, onde se manifesta apenas de tempos em tempos como um profundo anseio por repouso. A vontade perde completamente de vista o seu propósito e se agarra apenas ao meio.

Na segunda direção, porém, a vida animal é modificada de outra maneira pela razão. Diante do espírito do pensador, ergue-se, brilhante e radiante, das profundezas do coração, o puro propósito da existência, enquanto o meio desaparece completamente. Agora essa imagem reconfortante satisfaz plenamente seus olhos e inflama sua vontade: poderosamente, o anseio pela morte arde, e, sem hesitação, a vontade, com entusiasmo moral, agarra o melhor meio para o fim reconhecido: a virgindade. Um tal ser humano é a única ideia no mundo que, ao desejar a morte absoluta, também pode alcançá-la.

Resumindo, tudo no mundo é vontade de morrer, que no reino orgânico aparece, mais ou menos encoberto, como vontade de viver. A vida é desejada pelo puro impulso da planta, pelo instinto e, finalmente, de forma demoníaca e consciente, porque dessa maneira o objetivo do todo, e, com isso, o objetivo de cada individualidade, é alcançado mais rapidamente.

No início do mundo, a vida era a manifestação da vontade de morrer, do impulso dos indivíduos para o não-ser, que foi retardado por um elemento que os desacelerava. No universo formado e mantido em uma tensão intensa, a vida pode ser chamada – com relação às ideias químicas – de uma busca retardada pelo não-ser, e pode-se dizer que ela se apresenta como meio para o propósito do todo.

Os organismos, por outro lado, desejam a vida por si mesmos, encobrem sua vontade de morrer com a vontade de viver, isto é, eles desejam o meio por si mesmos, o que primeiro os levará, e por meio deles o todo, à morte absoluta.

Com isso, portanto, encontramos finalmente, na superfície, uma diferença entre o reino inorgânico e o orgânico, que é muito importante. Mas, no fundo, o filósofo imanente vê em todo o universo apenas o mais profundo anseio pela aniquilação absoluta, e é como se ele ouvisse claramente o chamado que atravessa todas as esferas celestes: Redenção! Redenção! Morte à nossa vida! E a consoladora resposta a isso: vocês encontrarão todos a aniquilação e serão redimidos.

Preciso reiterar: o propósito de toda a história do mundo, isto é, de todas as batalhas, sistemas religiosos, invenções, descobertas, revoluções, seitas, partidos, etc., é trazer às massas aquilo que foi dado a alguns indivíduos desde o início da cultura. Não se trata de educar uma raça de anjos que, então, existiria para sempre, mas sim de redenção da existência. A realização dos ideais mais ousados dos socialistas pode, no máximo, criar para todos um estado de conforto, no qual alguns indivíduos já viveram desde sempre.

E o que fizeram esses indivíduos quando chegaram a esse estado? Eles se afastaram da vida. Não havia outra possibilidade.

A humanidade é, primeiramente, um conceito; a esse conceito corresponde, na realidade, uma totalidade de indivíduos, que são os únicos reais e que se mantêm na existência por meio da procriação. O movimento do indivíduo da vida para a morte, em conexão com seu movimento da vida para a vida, resulta no movimento da vida para a morte relativa, que, no entanto, como nesses contínuos processos de transição a vontade é enfraquecida e a inteligência fortalecida, no fundo é o movimento espiralado da vida para a morte absoluta.

A humanidade deve seguir esse mesmo movimento, uma vez que ela não é nada além da totalidade dos indivíduos. Qualquer definição de seu movimento que não contenha a morte absoluta como ponto final é incompleta, pois não abrange todos os processos. Se o verdadeiro movimento não fosse claramente reconhecido, a filosofia imanente teria que postular a morte absoluta como o ponto final.

Todas as trajetórias de vida individuais — as vidas curtas de crianças, de adultos que a morte destrói antes que possam procriar, e as longas vidas de pessoas que contemplam os filhos de seus netos — assim como todas as trajetórias de vida de grupos humanos (como tribos indígenas, ilhéus do Pacífico Sul), devem ser facilmente inseridas no movimento estabelecido da humanidade. Se isso não for possível em um único caso, então a definição está errada.

O movimento da humanidade do ser para o não-ser abrange agora todos os movimentos particulares. O pensador que o reconheceu não lerá mais nenhuma página da história com espanto, nem se lamentará. Ele não perguntará: o que fizeram os habitantes de Sodoma e Gomorra para merecerem ser destruídos? O que fizeram as trinta mil pessoas que o terremoto de Riobamba aniquilou em poucos minutos? O que fizeram as quarenta mil pessoas que encontraram a morte nas chamas na destruição de Sídon? E também não lamentará as milhões de pessoas que as migrações dos povos, as cruzadas e todas as guerras lançaram na escuridão da morte. Toda a humanidade está destinada à aniquilação.

O próprio movimento de nossa espécie resulta (se ignorarmos outras influências da natureza) dos esforços de todos os seres humanos, como já disse. Ele surge dos movimentos dos bons e dos maus, dos sábios e dos tolos, dos entusiastas e dos apáticos, dos corajosos e dos temerosos, e, portanto, não pode carregar um caráter moral. Ele gera em seu curso bons

e maus, sábios e tolos, moralmente entusiastas e perversos, heróis sábios e vilões, canalhas notórios e santos, e se gera novamente a partir dos movimentos desses.

É, portanto, indiferente se a humanidade traz o "grande sacrifício", como dizem os indianos, ou a "manifestação dos filhos de Deus, pela qual toda criatura anseia" – como diz São Paulo, com entusiasmo moral – por impotência ou num último lampejo fanático da vitalidade restante. Quem pode prever isso? Basta saber que o sacrifício será feito, porque deve ser feito, pois é o ponto de passagem para o desenvolvimento necessário do mundo.

Mas, quando for feito, não ocorrerá nada menos que aquilo que se chama de reviravolta no teatro. Nem o sol, nem a lua, nem qualquer estrela desaparecerão, mas a natureza seguirá tranquilamente seu curso, embora sob a influência da mudança que a morte da humanidade terá provocado e que não existia antes.

Também aqui somos cautelosos e não nos precipitamos com a razão. Lichtenberg disse uma vez que uma ervilha lançada no Mar do Norte eleva o nível do mar na costa japonesa, embora essa mudança de nível não possa ser percebida por nenhum olho humano. Da mesma forma, está logicamente estabelecido que um tiro de pistola disparado na Terra terá seu efeito em Sirius – e até mesmo nos limites mais distantes do universo imensurável – pois esse universo está em constante e poderosa tensão, e não é uma chamada infinidade apática, fraca e miserável. Portanto, evitaremos cuidadosamente estabelecer uma hipótese em que tentemos rastrear passo a passo as consequências do grande sacrifício, pois o que mais conseguiríamos senão uma construção fantasiosa, com o valor de um conto que um beduíno conta a seus companheiros em uma noite estrelada? Contentamo-nos, portanto, em simplesmente afirmar que a partida da humanidade do palco do mundo terá efeitos que seguirão a única e verdadeira direção do universo.

O único argumento que pode ser levantado contra minha metafísica é o seguinte: o objetivo final do mundo não precisa ser o nada; pode também ser um paraíso. No entanto, esse argumento é insustentável.

Primeiro, a divindade pré-cósmica tinha a onipotência de ser o que quisesse. Se ela tivesse desejado ser uma multidão de seres puros e nobres, poderia ter imediatamente realizado esse desejo, e nenhum processo seria necessário.

Em segundo lugar, não se pode dizer: o processo teve que acontecer porque a divindade não era uma divindade pura; o processo a purifica. Pois essa afirmação é destruída, primeiro, pela onipotência de Deus, e depois pelo fato de que a essência de Deus

está totalmente velada para o espírito humano. Quem me dá o direito de dizer que Deus seria uma divindade impura? Tudo isso é pura fantasia.

O verdadeiro significado metafísico do mundo, o credo de todos os bons e justos, é o desenvolvimento do mundo com a humanidade à frente. O mundo é um ponto de passagem, mas não para um novo estado, e sim para a aniquilação, que, obviamente, está fora do mundo: ela é metafísica.

Na física, identificamos a finalidade da natureza – que nenhum ser racional pode negar – com o primeiro movimento, a decomposição da unidade na multiplicidade, da qual todos os movimentos subsequentes foram e são apenas continuações. Isso foi completamente suficiente. Mas então vinculamos essa finalidade diretamente à decisão da unidade pré-cósmica de passar do Super-ser para o não-ser.

À unidade simples foi negada a realização imediata do objetivo, mas não a realização em si. Foi necessário um processo (um caminho de desenvolvimento, um enfraquecimento gradual), e todo o curso desse processo estava virtualmente contido na decomposição.

Portanto, tudo no mundo tem uma meta, ou melhor: para o espírito humano, a natureza se apresenta como se estivesse se movendo em direção a uma única meta. No fundo, porém, tudo segue apenas o primeiro impulso cego, no qual aquilo que precisamos distinguir como meio e fim estava inseparavelmente unido. Nada no mundo é atraído pela frente ou guiado de cima; ao contrário, tudo é impulsionado de dentro para fora.

Dessa forma, tudo está interligado; cada coisa depende de outra: todas as individualidades forçam e são forçadas, e o movimento resultante de todos os movimentos individuais é o mesmo, como se uma unidade simples tivesse um movimento unificado.

A teleologia é apenas um princípio regulador para julgar o curso do mundo (o mundo é pensado como originado de uma vontade guiada pela sabedoria suprema), mas perde, até mesmo como tal, qualquer aspecto inconveniente que sempre teve para todas as mentes empiricamente claras, quando o mundo é reduzido a uma simples unidade pré-cósmica que não mais existe. Antes disso, havia apenas duas opções, em ambas das quais não havia satisfação a ser encontrada. Ou se deveria negar a finalidade, ou seja, contradizer a experiência para obter um domínio puramente imanente e livre de fantasmas; ou se deveria honrar a verdade, isto é, reconhecer a finalidade, mas também admitir uma unidade dentro, sobre ou além do mundo.

A filosofia imanente resolveu o problema de maneira completamente satisfatória com sua distinção radical entre os domínios imanente e transcendente. O mundo é o ato unificado de uma unidade simples, que não existe mais, e, portanto, está em uma conexão dinâmica insolúvel, da qual surge um movimento unificado: é o movimento em direção à destruição total, o movimento do ser para o não-ser.

IV.
Humanidade, civilização e Estado ideal

A política trata do movimento de toda a humanidade. Esse movimento resulta dos esforços de todos os indivíduos e é, de uma perspectiva inferior, o movimento em direção ao Estado ideal; mas, visto de uma perspectiva superior, é o movimento da vida em direção à morte absoluta, pois um estado de repouso no Estado ideal não é possível.

Esse movimento não pode ter caráter moral, pois a moralidade baseia-se no sujeito, e apenas as ações individuais, em oposição ao movimento da coletividade, podem ser morais. Ele ocorre apenas por meio de uma violência irresistível e é, de maneira geral, o destino onipotente da humanidade, que esmaga e despedaça como vidro tudo o que se lhe opõe, ainda que seja um exército de milhões. A partir do momento em que desemboca no Estado, chama-se civilização.

Toda ação humana, seja a mais elevada ou a mais baixa, é egoísta, pois provém de uma individualidade específica, de um determinado "eu", com um motivo suficiente, e não pode de maneira alguma ser evitada. Não é o momento para discutir a diversidade de caracteres; devemos aceitá-la como um fato. Para o compassivo, é tão impossível deixar o próximo perecer quanto para o insensível ajudar o necessitado. Cada um age de acordo com seu caráter, sua natureza, seu "eu", sua felicidade, portanto, de maneira egoísta; pois o compassivo seria feliz se não secasse as lágrimas dos outros? E o insensível estaria satisfeito se aliviasse o sofrimento alheio?

A verdade inabalável de que toda ação é egoísta se tornará completamente evidente. Mencionei-a aqui, pois não poderemos mais dispensá-la a partir de agora.

No estado natural, o mais forte ou astuto geralmente vence, enquanto o fraco ou tolo é derrotado. No entanto, também podem ocorrer casos em que o mais forte é vencido e o astuto é enganado; afinal, quem protege o forte enquanto ele dorme? Ou quando está velho ou doente? Ou como pode vencer se for atacado por fracos unidos? Essas relações de poder voláteis no estado natural levaram tanto os fracos quanto os fortes a reconhecer que uma limitação mútua do poder era do interesse de todos.

Não cabe aqui investigar como ocorreu a transição do estado natural para o Estado, se por puro impulso demoníaco ou por escolha racional do menor entre dois males. Suponhamos que o Estado seja uma obra da razão e se baseie em um contrato que os seres humanos relutantemente firmaram: por necessidade, para evitar um mal maior do que a restrição de seu poder individual.

O caráter essencial do Estado autêntico, mesmo em sua forma mais imperfeita, é que ele dá aos seus cidadãos mais do que tira, concedendo-lhes, em suma, uma vantagem que supera o sacrifício; pois, se a vantagem fosse tão grande quanto o sacrifício, o Estado nunca teria surgido.

Assim, os seres humanos, guiados pelo reconhecimento de que uma vida segura no estado natural era impossível e de que uma vida insegura era um mal inerente à natureza, impossível de destruir pelos meios comuns, uniram-se e disseram: "Somos todos seres humanos violentos; cada um está enclausurado em seu egoísmo e se vê como a única realidade no mundo; onde podemos prejudicar os outros em nosso benefício, o fazemos; mas isso não promove nosso bem-estar. Precisamos dormir, afastar-nos de nossas cabanas para não morrer de fome, podemos adoecer, e nossas forças diminuem com a idade. Nosso poder, portanto, ora é grande, ora pequeno, e todos os benefícios que conquistamos quando ele é grande se dissipam num instante quando ele é pequeno. Nunca desfrutamos verdadeiramente de nossos bens, pois eles não estão garantidos. Que valor tem a satisfação de nossos desejos se, no cômputo geral, só perdemos com isso? Decidimos, portanto, que daqui em diante os bens de cada um de nós permanecerão intocados." E assim surgiu o conceito de roubo, que era impossível no estado natural, pois ele pressupõe a garantia da posse.

Disseram ainda: "Somos todos seres humanos violentos; se alguém se interpuser entre nós e nosso interesse, só pensamos em como destruí-lo e atentamos contra sua vida. Mas nossa força ou astúcia não são sempre as mesmas. Hoje podemos vencer e amanhã ser derrotados. Nunca poderemos, assim, desfrutar de nossas vidas, pois estamos constantemente em perigo de morte. Vamos, portanto, sacrificar uma parte de nosso poder para que nosso bem-estar geral aumente, e declaramos: daqui em diante, a vida de cada um de nós será garantida." E assim surgiu o conceito de homicídio, pois ele designa a destruição de uma vida garantida.

Dessa forma, os seres humanos se restringiram pelas leis fundamentais:

1. Ninguém pode roubar;
2. Ninguém pode matar.

O Estado é, portanto, a instituição que protege a individualidade de cada um, por mais que ela se expanda (esposa, filho, posse), e exige, em troca, que a individualidade de todos os outros seja respeitada. Exige, assim, de cada cidadão, como primeira obrigação: a submissão à lei, a obediência. Em seguida, exige a concessão dos meios para exercer sua função protetora, seja contra violadores da lei, seja contra inimigos externos, ou seja, sacrifício de bens e sangue, ou, em termos gerais, como segunda obrigação: a defesa do Estado.

Reconhecemos, portanto, de nosso atual ponto de vista, nenhuma outra autoridade inicial além daquela estabelecida pelos seres humanos, a do Estado. Ela surgiu por necessidade, pois a vontade dotada de razão, após uma compreensão correta da natureza de dois males, deve escolher o menor. Ele não pode agir de outra maneira; se vemos uma pessoa escolher o maior de dois males, é porque ou cometemos um erro de julgamento, porque não conseguimos nos colocar na individualidade da pessoa que escolheu, ou ela não percebeu que o mal escolhido era o maior. Se tivesse nosso entendimento – que se surpreende com sua escolha – não poderia ter escolhido da forma como o fez. Esta lei é tão certa quanto a de que todo efeito deve ter uma causa.

O homem esclarecido não pode desejar a destruição do Estado. Quem sinceramente deseja isso, só quer uma suspensão temporária das leis, ou seja, o tempo necessário para criar uma situação vantajosa para si. Quando a obtém, deseja com a mesma intensidade a proteção das leis, com que antes desejava sua suspensão. O Estado é, portanto, para os egoístas naturais, um mal necessário, que eles devem adotar, pois é o menor de dois males. Se o destruíssem novamente, teriam em mãos o maior deles.

É essencial para a civilização que ela, de acordo com a lei de desenvolvimento das partes, comece em pequenos círculos e, em seguida, os amplie. A civilização não é o oposto ao movimento dos povos naturais; ambos os tipos de movimento têm uma direção. O primeiro é apenas um movimento acelerado. O movimento de um povo natural é como o de uma bola em uma superfície quase horizontal, enquanto o de um povo civilizado se assemelha à queda dessa bola no abismo. Figurativamente falando, a civilização tem como objetivo atrair todos os povos para seu círculo; tem em vista toda a humanidade e não negligencia nem mesmo a menor comunidade no canto mais remoto da Terra.

As leis que regem esse processo incluem a lei da corrupção e a lei da fusão por conquista. Cada Estado cultural busca preservar sua individualidade e fortalecê-la tanto quanto possível. Assim, os estados inicialmente tiveram que se defender contra as hordas nômades e tribos de caçadores, que perturbavam suas fronteiras, saqueavam e matavam. Eles os combateram e os integraram como escravos em sua comunidade. Depois que os estados se aproximaram, cada um procurou enfraquecer o outro, ou, quando seu poder permitia e seu interesse exigia, incorporá-lo inteiramente.

No primeiro caso, através da conquista, ocorreu uma fusão entre as classes inferiores do Estado e os povos selvagens que não estavam sob leis, com vezes envolvendo a mistura de diferentes raças (arianos, semitas etc.); no segundo caso, membros das classes superiores eram rebaixados à condição do povo inferior. Essas misturas e fusões provocaram transformações significativas no caráter de muitos.

O movimento que se realiza sob a lei da conquista é uma poderosa dinâmica que vai do interior do Estado para o exterior, enquanto aquele que é fundamentado na lei da corrupção é um movimento intenso que se dirige do exterior para o interior do Estado.

Quem se aprofunda no processo de corrupção e decadência dos déspotas militares da Ásia, da Grécia e de Roma e observa apenas o movimento subjacente, adquire a compreensão irrefutável de que o curso da humanidade não revela a aparência de uma suposta ordem moral no mundo, mas sim o movimento cru da vida em direção à morte absoluta, que surge, em qualquer lugar e a todo momento, de forma completamente natural, das causas em ação.

Na física, não conseguimos chegar a outra conclusão além do fato de que, na luta pela existência, surgem seres cada vez mais organizados, que a vida organizada se renova continuamente, e não conseguimos vislumbrar um fim para esse movimento. Encontramo-nos em um vale limitado. Na política, por outro lado, estamos em um pico livre e vislumbramos um fim. No entanto, ainda não vemos esse fim de forma clara na época da decadência da República romana. As neblinas matinais da história da humanidade ainda não se dissiparam completamente, e o sinal dourado da redenção de todos se destaca apenas aqui e ali através do véu que o encobre; pois não toda a humanidade estava na forma do Estado babilônico, assírio e persa, nem mesmo nos Estados grego e romano. Na verdade, nem mesmo todos os povos desses impérios pereceram. Eram, por assim dizer, apenas as pontas dos ramos da grande árvore que secaram.

No entanto, reconhecemos claramente nos eventos a importante verdade de que a civilização mata. Cada povo que entra na civilização, ou seja, que passa a um movimento mais acelerado, cai e é esmagado nas profundezas. Nenhum pode preservar sua força viril; todos devem se tornar débeis, degenerar e se esgotar.

Não importa como seus indivíduos, condenados à morte absoluta, afundam na destruição; seja segundo a lei da corrupção: se entregando à degradação, revirando-se na lama e no lodo da lascívia refinada; ou segundo a lei do individualismo: repelindo com nojo todos os frutos valiosos, pois já não oferecem satisfação, consumindo-se na avareza e no tédio, vacilando de um lado para o outro, por terem perdido a firme vontade e os objetivos claros,

"Não sufocado e sem vida;
Não desesperado, nem rendido." (Goethe)

ou através da moralidade: no éter da glória, expirando seu último suspiro de vida. A civilização os captura e os mata. Como ossos descoloridos que marcam os caminhos pelo deserto, os monumentos de culturas em ruínas, proclamando a morte de milhões, marcam a trilha da civilização.

Já antes de Kant, a história havia sido entendida como história da cultura, ou seja, havia-se reconhecido que a expedição de Alexandre à Ásia era algo mais do que a satisfação da ambição e do desejo de glória de um jovem audacioso; que a protesto de Lutero era mais do que a ruptura de um indivíduo honesto com Roma; que a invenção da pólvora era mais do que um mero acidente no laboratório de um alquimista, e assim por diante. Kant, em sua pequena, mas genial obra "Ideia de uma História Universal, com um Propósito Cosmopolita", tentou dar um objetivo ao movimento da humanidade desde seus primeiros começos: o Estado ideal, que abrangerá toda a humanidade. Fichte, Schelling e Hegel, com verdadeira paixão, captaram os pensamentos de Kant, expandindo-os e permitindo que penetrassem em todo lugar. É importante destacar Fichte, que em suas obras imortais, "Fundamentos da Era Presente" e "Discursos à Nação Alemã" – apesar de conterem ideias insustentáveis e muitos erros palpáveis – estabeleceu um propósito para toda a vida da nossa espécie: que a humanidade organizasse suas relações com liberdade e segundo a razão.

Portanto, devemos nos empenhar em construir um Estado ideal e avaliar a vida nele. Deixamos de lado se ele poderia alguma vez existir no desenvolvimento das coisas; mas é claro que podemos construí-lo, pois estamos motivados a ver a vida sob uma luz favorável.

Imaginamos-nos imediatamente no centro desse Estado ideal, sem nos ocuparmos com seu surgimento. Ele abrange "tudo que tem rosto humano", abrange toda a humanidade. Não há mais guerras nem revoluções. O poder político não reside mais em classes específicas, mas a humanidade é um povo que vive sob leis cuja elaboração contou com a participação de todos. A miséria social desapareceu. O trabalho está organizado e não oprime mais ninguém. O espírito inventivo transferiu todas as tarefas pesadas para as máquinas, e a gestão dessas máquinas ocupa os cidadãos apenas algumas horas do dia. Todo aquele que desperta pode dizer: "o dia é meu". A pobreza fugiu da Terra, onde causou horríveis desgraças durante milênios. Todos vivem sem se preocupar com as necessidades do corpo. As moradias são saudáveis e confortáveis. Ninguém pode mais explorar o outro, pois limites foram impostos aos mais fortes, e os mais fracos são protegidos pela coletividade.

Assim, assumimos que as difíceis condições políticas e sociais, que levaram muitos à convicção de que a vida não valia a pena, estejam organizadas para o bem de cada ser humano. Pouco trabalho, muito prazer: essa é a assinatura da vida em nosso Estado.

Ao mesmo tempo, assumimos que, ao longo do tempo, os seres humanos se tornaram criaturas moderadas e harmoniosas por meio do sofrimento, do conhecimento e da gradual eliminação de todos os maus motivos; em suma, que agora lidamos apenas com almas belas. Se realmente ainda houver algo em nosso Estado que possa provocar paixão ou dor na alma, o indivíduo perturbado rapidamente encontrará seu equilíbrio novamente, e o movimento harmônico será restabelecido.

O mais fervoroso defensor da vontade de viver terá que admitir que, considerando que o ser humano não pode estar completamente livre de trabalho, uma vez que precisa comer, se vestir e ter onde morar, uma ordem social melhor e seres que carreguem em si as condições para uma vida melhor não são possíveis; pois temos dado a todos os humanos uma nobre individualidade e removido da vida tudo o que pode ser considerado não essencial.

Assim, restam apenas quatro males que não podem ser separados da vida por qualquer poder humano: as dores do nascimento, bem como a doença, a velhice e a morte de cada indivíduo. O ser humano no Estado mais perfeito deve nascer com dores, deve passar por um número menor ou maior de doenças e, *se não for consumido pela força da juventude* (Uhland), deve envelhecer, ou seja, tornar-se fisicamente doente e mentalmente apático; finalmente, ele deve morrer.

Consideramos os males menores associados à existência como irrelevantes; no entanto, gostaríamos de mencionar alguns deles. Primeiro, temos o sono, que rouba um terço da vida (se a vida é uma alegria, o sono é, sem dúvida, um mal); em seguida, a primeira infância, que serve apenas para familiarizar o ser humano com ideias e suas conexões, de modo que ele possa se orientar no mundo (se a vida é uma alegria, a primeira infância é evidentemente um mal); depois vem o trabalho, que é corretamente apresentado no Antigo Testamento como consequência de uma maldição divina; por fim, diversos males que o Papa Inocêncio III enumerou da seguinte forma: "a concepção impura, a alimentação desagradável no útero, a má qualidade da matéria da qual o ser humano se desenvolve, o fedor horrível, a excreção de saliva, urina e fezes".

Que esses males não sejam considerados insignificantes. Quem alcançou um certo grau de refinamento nervoso tem todo o direito de se indignar com vários deles. Afinal, Byron não conseguia nem mesmo ver a condessa Guiccioli comer, e a razão para isso era muito mais profunda do que a melancolia inglesa.

Deixamos de lado, como já dito, esses males e focamos nos quatro principais mencionados. No entanto, também deixamos de lado três deles. Assumimos que o nascimento humano no futuro ocorreria sem dor, que a ciência conseguiria proteger os seres humanos de qualquer doença e, por fim, que a velhice desses seres protegidos seria fresca e vigorosa, terminando com uma morte suave e indolor (eutanásia).

Apenas a morte não podemos eliminar, e, portanto, temos pela frente uma vida curta e sem dor. É uma vida feliz? Vamos examiná-la mais de perto.

Os cidadãos de nosso Estado ideal são pessoas de caráter suave e inteligência desenvolvida. Um conhecimento, por assim dizer, pronto, livre de erros e equívocos, foi impregnado neles, e, por mais que reflitam sobre isso, sempre encontram essa verdade confirmada. Não há mais efeitos cujas causas sejam enigmáticas. A ciência realmente alcançou o auge, e cada cidadão se alimenta de sua sabedoria. O senso estético é poderoso e se manifesta em todos. Embora não possamos supor que todos sejam artistas, todos têm a capacidade de facilmente entrar em relação estética.

Todas as preocupações foram removidas deles, pois o trabalho está organizado de maneira incomparável, e cada um governa a si mesmo. Eles são felizes? Seriam, se não sentissem uma terrível monotonia e vazio dentro de si. Foram arrancados da necessidade,

estão realmente sem preocupações e sofrimento, mas, em contrapartida, a tédio os acometeu. Eles têm o paraíso na Terra, mas seu prazer é sufocante e abafado.

> *"É preciso ter algo a desejar, para não ser infeliz diante de tanta felicidade. O corpo quer respirar e a mente deseja aspirar."* (Gracian)

Se realmente ainda tiverem energia suficiente para suportar tal existência até a morte natural, certamente não terão coragem de vivê-la novamente, como seres rejuvenescidos. A necessidade é um mal terrível, mas o tédio é o pior de todos. Melhor uma existência de necessidade do que uma existência de tédio, e não preciso provar que a completa aniquilação é preferível a isso. Assim, de maneira indireta, já teríamos mostrado que a vida no melhor Estado da nossa época é sem valor. A vida, em geral, é uma "coisa miserável e lamentável": sempre foi miserável e lamentável e sempre será, e o não-ser é melhor do que o ser.

Agora, alguém poderia dizer: aceitamos tudo, menos que a vida neste Estado ideal seja realmente entediante. Você retratou mal o cidadão, e suas conclusões sobre seu caráter e suas relações estão, portanto, erradas.

Não posso resolver essa dúvida por meio de uma prova direta; mas posso fazê-lo indiretamente. Não me basearei na proposição de experiência amplamente reconhecida de que pessoas que escaparam da necessidade não sabem o que fazer com a vida; pois pode-se argumentar que elas, por falta de espírito ou educação, não saberiam como se ocupar. Nem vou invocar a palavra do poeta:

> *"Tudo na vida pode ser suportado,*
> *menos uma sequência de dias bonitos."* (Goethe)

embora isso expresse uma verdade inabalável. Apoio-me apenas no fato de que, mesmo que nunca tenha existido um Estado ideal nesta Terra, muitos cidadãos, como os que descrevi acima, viveram. Eles estavam livres da necessidade e levavam uma vida confortável e trabalhadora. Tinham um caráter nobre e uma mente altamente desenvolvida, ou seja, possuíam pensamentos próprios e não aceitavam os alheios sem questionamento.

Todos esses indivíduos tinham a grande vantagem sobre os cidadãos imaginários de um Estado ideal, pois seu entorno era muito mais vívido e interessante. Onde quer que olhassem, encontravam individualidades marcantes, uma abundância de caracteres distintos. A sociedade ainda não estava nivelada, e a natureza estava apenas em uma pequena

parte sob o domínio do ser humano. Viviam sob o fascínio das oposições; sua confortável posição eremita raramente saía de sua consciência, pois se destacava, onde quer que olhassem, como uma imagem clara em um fundo escuro, em relação a outras formas de vida. A ciência ainda não havia alcançado o auge da perfeição; ainda havia muitos enigmas e efeitos suficientes cujas causas faziam as pessoas se perderem em divagações. E quem já sentiu a pura alegria que há na busca pela verdade, na perseguição de sua pista, reconhecerá que esses indivíduos realmente estavam em vantagem; pois não estava certo Lessing ao exclamar:

> *"Se Deus, em sua mão direita, retivesse toda a verdade e, em sua mão esquerda, o único impulso interior em direção à verdade, embora com a adição de que eu sempre e eternamente erraria, e me falasse: Escolha! Eu cairia de joelhos em sua mão esquerda."*

E, no entanto, todos esses destacados indivíduos, que formam uma cadeia que se estende desde os primórdios da humanidade até nossos dias, condenaram a vida como essencialmente infeliz e colocaram o não-ser acima dela. Não me deterá em listar todos eles e repetir suas declarações mais significativas. Limitar-me-ei a mencionar dois que nos são mais próximos do que Buda e Salomão, e que todos os educados conhecem: o maior poeta e o maior naturalista da Alemanha, Goethe e Humboldt.

É necessário que eu narre suas felizes circunstâncias de vida, elogie seu espírito e seu caráter? Eu só desejo que todos os seres humanos possuam uma individualidade tão excelente e se encontrem em uma situação tão favorável quanto a que eles tiveram. E o que disse Goethe?

> *"Todos nós sofremos com a vida.*
> *Sempre me elogiaram como alguém especialmente favorecido pela sorte; também não pretendo me queixar e não censurarei o curso da minha vida. No entanto, no fundo, foi nada além de esforço e trabalho, e posso dizer que, em meus setenta e cinco anos, não tive realmente quatro semanas de prazer. Foi a eterna movimentação de uma pedra que queria ser levantada constantemente."* (Conversas com Eckermann)

E o que diz Humboldt?

> *"Não fui feito para ser pai de família. Além disso, considero o casamento um pecado e a procriação um crime.*
> *É também minha convicção que aquele que assume o jugo do matrimônio é um tolo, ainda mais um pecador. Um tolo, porque se despede de sua liberdade sem obter uma*

compensação correspondente; um pecador, porque dá vida a crianças sem poder lhes assegurar a certeza da felicidade. Desprezo a humanidade em todas as suas camadas; vejo que nossos descendentes serão muito mais infelizes do que nós; não seria eu um pecador se, apesar dessa visão, cuidasse de descendentes, ou seja, de infelizes?
A vida inteira é a maior tolice. E quando se luta e se pesquisa por oitenta anos, deve-se finalmente confessar que não se almejou nem pesquisou nada. Se ao menos soubéssemos por que estamos neste mundo. Mas tudo permanece um enigma para o pensador, e a maior felicidade é ainda o fato de nascer como um idiota." (Memórias)

"Se ao menos soubéssemos por que estamos neste mundo!" Assim, na vida rica e inteira deste homem dotado, nada, nada do que ele pudesse conceber como propósito da vida. Nem a alegria da criação, nem os momentos preciosos de um reconhecimento genial: nada!

E em nosso Estado ideal, os cidadãos deveriam ser felizes?

No bem-estar não há felicidade e satisfação; portanto, não é também uma desgraça ter que renunciar ao bem-estar. Mas é uma grande desgraça colocar uma felicidade no bem-estar e não poder descobrir que não há felicidade nele. E essa desgraça, a que consome e atravessa o coração, é a força motriz na vida dos grupos populares inferiores, que os açoita no caminho da redenção. Os pobres consomem-se na ânsia por casas, jardins, bens, cavalos de montaria, carruagens, champanhe, diamantes e filhas dos ricos.

Agora, deem-lhes toda essa tralha. Elevem-se e desçam da altura iluminada, de onde vocês viram a terra prometida da eterna tranquilidade com olhares embriagados; onde tiveram que reconhecer que a vida é essencialmente infeliz; onde a venda teve que cair de seus olhos; desçam para o vale escuro, pelo qual se arrasta o turvo rio dos deserdados e coloquem suas mãos delicadas, mas fiéis, puras e corajosas, nas calejadas de seus irmãos. "Eles são rudes." Assim, dêem-lhes motivos que os edifiquem. "Seus modos são repulsivos." Assim, mudem-nos. "Eles acreditam que a vida tem valor. Eles acham que os ricos são mais felizes porque comem e bebem melhor, porque fazem festas e barulho. Eles acreditam que o coração bate mais calmo sob seda do que sob um grosso gibão." Assim, decepcionem-nos; mas não com palavras, e sim através da ação. Deixem-nos experimentar, saborear que nem riqueza, honra, fama, nem a vida confortável trazem felicidade. Rompam as barreiras que separam os iludidos da felicidade aparente; e eles cairão como se descessem das nuvens. Então, eles clamarão: "Acreditávamos ser tão felizes, e nada mudou essencialmente em nós!"

Satisfeitos com todos os prazeres que o mundo pode oferecer, todos os seres humanos devem primeiro estar saciados, antes que a humanidade possa estar madura para a redenção. E como sua redenção é sua determinação, os seres humanos devem se saciar, e a saciedade só será alcançada com a resolução da questão social.

Agora podemos concluir o pensamento.

Primeiro, derrubamos novamente nosso Estado ideal. Ele era uma criação da imaginação e nunca se manifestará.

O que não pode ser negado é o desenvolvimento real da espécie humana e que haverá um tempo em que não o que construímos, mas sim um Estado ideal será fundado. A sociedade realmente estará nivelada e cada cidadão experimentará as bênçãos de uma alta cultura espiritual. A humanidade inteira viverá com menos dor do que agora, do que nunca.

Disto resulta um movimento necessário, que se realiza com uma força irresistível, da humanidade, que nenhuma força pode parar ou desviar. Ele empurra implacavelmente os desejosos e os não desejosos ao longo do caminho que leva ao Estado ideal, e este deve se manifestar. Este movimento real e imutável é parte do fluxo contínuo do mundo, que se gera a partir dos movimentos de todos os indivíduos, que estão em interconexão dinâmica, e se revela aqui como o destino necessário da humanidade.

Este destino é tão forte, tão superior em força e poder a cada indivíduo – porque também contém a eficácia de cada ser particular – como a vontade de uma unidade simples em, sobre ou atrás do mundo, e quando a filosofia imanente a substitui por esta unidade simples, ela preenche o espaço perfeitamente. No entanto, enquanto a unidade simples deve ser crida e sempre esteve e estará sujeita a contestações e dúvidas, a essência do destino, devido à causalidade geral ampliada à comunidade, é claramente reconhecida pelo ser humano e, portanto, nunca pode ser contestada.

O movimento da humanidade em direção ao Estado ideal é um fato; no entanto, basta uma breve reflexão para perceber que, na vida do todo, assim como na vida do indivíduo, um ponto de estagnação nunca pode ocorrer. O movimento deve ser incessante até o ponto em que não se pode mais falar de vida. Assim, se a humanidade estiver, portanto, no Estado ideal, nenhuma paz pode ocorrer. Mas para onde ela poderá ainda se mover? Há apenas um único movimento que lhe resta: é o movimento em direção à completa aniquilação, o movimento do ser para o não-ser.

Minha filosofia olha além do Estado ideal, olha além do comunismo e do amor livre, e ensina, após uma humanidade livre e sem sofrimento, a morte da humanidade. No Estado ideal, ou seja, nas formas do comunismo e do amor puro, a humanidade mostrará o "rosto hipocrático": está condenada à ruína e fará o "grande sacrifício", como dizem os indianos, ou seja, morrerá. De que maneira isso ocorrerá, ninguém pode determinar. Pode basear-se em uma decisão moral geral, que será executada imediatamente, ou cuja execução se deixa à natureza. No entanto, pode também ser realizado de outra forma. De qualquer maneira, a lei da infecção espiritual, que se manifestou de forma tão poderosa com o surgimento do cristianismo, nas cruzadas (e recentemente nas peregrinações na França e na visitação em América), guiará os últimos eventos na humanidade. Será como na época de Dante, quando o povo percorria as ruas de Florença com o clamor: *Morte alla nostra vita! Evviva la nostra morte* (Morte à nossa vida! Viva a nossa morte!).

Poder-se-ia aqui também levantar a questão de quando o grande sacrifício será realizado.

Se olharmos apenas para o poder demoníaco do instinto sexual e o grande amor à vida que quase todas as pessoas demonstram, somos levados a colocar o momento da redenção da humanidade no mais distante e longínquo futuro.

Por outro lado, se considerarmos a força das correntes em todos os campos do Estado; a pressa e a impaciência que fazem cada peito tremer de forma demoníaca; o anseio por tranquilidade no fundo da alma; se também considerarmos que para todos os povos já estão tecidas linhas indissolúveis, que se multiplicam a cada dia, de modo que nenhum povo pode mais ter um caminho cultural lento e isolado; que povos selvagens, sendo arrastados para o turbilhão da civilização, entram em uma excitação que consome suas forças, como se estivessem febrilmente doentes; e finalmente, se considerarmos a enorme força da infecção espiritual — então não concedemos à civilização uma duração maior do que um ano platônico, que podemos datar a partir de 5000 a.C. No entanto, ao pensar que, de acordo com isso, a humanidade teria que se arrastar por mais de três mil anos, deixamos essa determinação de lado também, e parece que um período de apenas alguns séculos é o máximo que podemos aceitar.

Podemos ainda dizer que a morte da humanidade resultará na morte de toda a vida orgânica em nosso planeta. Provavelmente já antes da entrada da humanidade no Estado ideal – certamente neste – ela manterá a vida da maioria dos animais (e plantas) em suas mãos, e não esquecerá seus "irmãos não emancipados", em particular seus fiéis animais de

estimação, quando se redimir. Serão os organismos superiores. Os inferiores, no entanto, perderão as condições de sua existência devido à mudança provocada no planeta e se extinguirão.

Se olharmos novamente para o mundo como um todo, deixemos primeiro fluir a influência que a extinção de toda a vida orgânica na Terra deve exercer sobre ele, em todas as suas partes, sem nos arrogarmos o direito de especificar o "como". Em seguida, nos baseamos no fato que devemos aos astrônomos, que todos os corpos celestes, devido à resistência do éter, gradualmente estreitam suas órbitas e, por fim, todos cairão na verdadeira estrela central.

As novas formações que surgirão desses apocalipses parciais não devem nos preocupar. Imediatamente nos posicionamos naquele elo da série de desenvolvimento que nos mostra apenas corpos sólidos ou líquidos. Todos os gases desapareceram do universo, ou seja, a soma de forças viscosa se enfraqueceu de tal forma que apenas corpos sólidos e líquidos constituem o universo. É melhor supor que tudo o que ainda existir será apenas líquido.

Nada mais impede a redenção desses fluidos. Cada um tem caminho livre: cada parte pensada deles passa pelo ponto ideal e sua aspiração é cumprida, ou seja, ela é destruída em sua essência mais íntima.

E então? Então Deus realmente passou do Super-ser, através do devir, para o não-ser; ele encontrou, através do processo mundial, o que, por causa de sua essência, não pôde alcançar imediatamente: o não-ser.

Primeiro, o domínio transcendental desapareceu. Agora, também (em nossos pensamentos) o imanente se foi; e olhamos, dependendo de nossa visão de mundo, horrorizados ou profundamente satisfeitos, para o nada absoluto, o vazio absoluto, o *nihil negativum*.

Está consumado!

V.
O santo e o demônio

Toda virtude baseia-se ou em uma vontade boa que se formou no fluxo do devir: uma qualidade de vontade nobre foi despertada de alguma forma, herdada e, então, tornou-se cada vez mais firme sob circunstâncias favoráveis, até que uma verdadeira vontade misericordiosa surgiu em um indivíduo; ou baseia-se no conhecimento: um conhecimento revela a alguém sobre seu verdadeiro bem e inflama seu coração. Assim, uma vontade originalmente boa não é uma condição para uma ação moral. Ações morais podem decorrer da compaixão, mas não necessariamente.

O egoísmo do ser humano manifesta-se não apenas no desejo de preservar sua própria existência, mas também no desejo de obter a "maior soma possível de bem-estar, todo prazer do qual ele é capaz", e também no desejo de evitar as menores dores que ele não pode evitar. Daqui resulta a tarefa para o intelecto: ele tem em vista o bem geral da vontade e o determina através do conhecimento abstrato, pela razão. Dessa forma, o egoísmo natural é transformado em um refinado, ou seja, a vontade restringe seus impulsos na medida em que o bem reconhecido exige. Esse bem tem vários níveis. Inicialmente, a vontade busca o bem de forma prática, abstendo-se de roubar, matar, vingar-se, para não ser roubada, assassinada ou receber vingança. Depois, restringe-se cada vez mais, até que, por fim, reconhece seu maior bem no não-ser e age de acordo. Em todo momento, a razão está ativa e age, com base na experiência, através de conceitos abstratos. Para isso, a vontade cega e inconsciente dividiu uma parte de seu movimento, para que pudesse se mover de maneira diferente do que antes, assim como se tornou planta e animal porque desejava se mover de maneira diferente do que como força química.

No entanto, seria uma ilusão acreditar que esses atos foram livres. Cada transição para um novo movimento foi e é mediada pelo desenvolvimento real e necessário. Todos os movimentos são consequências de um movimento inicial que devemos considerar livre. Assim, a razão, que podemos chamar de princípio libertador, tornou-se necessária e age com necessidade: não há espaço no mundo para a liberdade.

Não estou dizendo que a vontade, após estabelecer algum bem geral que a limita, deva sempre agir de acordo com isso. Somente um conhecimento experimentado, como

dizem os místicos, é frutífero; somente uma vontade inflamada pode agir contra seu próprio caráter. Mas se a vontade deseja ser redimida, só pode fazê-lo através da razão, com seus conceitos, que Schopenhauer tratou com desprezo.

É ela que, através da experiência e da ciência, apresenta ao ser humano a vida em todas suas formas, permitindo-lhe examinar, comparar e concluir, e finalmente levar à percepção de que o não-ser é preferível ao ser. E se a vontade está disposta e empurra esse conhecimento abstrato com força irresistível, de modo que surge um desejo intenso em oposição a ele, então a obra de salvação é realizada de forma muito natural, sem conhecimento intuitivo, sem sinais e milagres. Por isso, a verdadeira fé, assim como o conhecimento inspirador, era absolutamente necessário no passado e é hoje para alcançar a salvação. Não em momentos de êxtase sobrenatural, mas observando de maneira aguda e pensando persistentemente, o ser humano reconhece em conceitos e não de maneira maravilhosa, que toda vontade individual para viver não pode ser feliz em nenhuma forma de vida, seja a do mendigo ou do rei.

Se o conhecimento mencionado inflama o coração, o ser humano deve renascer com a mesma necessidade com que uma pedra deve cair à terra. Portanto, a virtude pode e deve ser ensinada; apenas não posso exigir que alguém filosoficamente rudimentar reconheça seu maior bem no não-ser. Isso requer uma alta educação e o horizonte mental mais abrangente, a menos que o coração já tenha recebido uma orientação ascética desde a concepção. O indivíduo ignorante só pode reconhecer seu bem nos bens do mundo, na riqueza, honra, fama, prazer, etc. Se você o capacitar através de uma educação genuína a buscá-lo de maneira mais elevada, você também lhe dará a possibilidade de encontrá-lo.

Portanto, a vontade inflamada pelo conhecimento de que o não-ser é melhor do que o ser é o princípio supremo de toda moral (um princípio subordinado é a vontade originalmente misericordiosa). Não é a compaixão, nem a visão mística do *principium individuationis*[6], e a Sociedade Dinamarquesa de Ciências estava completamente certa ao não coroar o trabalho de Schopenhauer.

Da vontade assim inflamada decorre a virgindade, a santidade, o amor aos inimigos, a justiça, em suma, toda virtude, e a rejeição do desejo antinatural por si mesma, pois a vontade consciente para a morte paira sobre o mundo.

---

[6]"Principium individuationis" pode ser traduzido literalmente como princípio de individuação. Na filosofia é expressada a ideia geral de o objeto referenciado sendo identificado como algo individual, logo "não sendo outra coisa."

No entanto, mesmo as ações do santo são egoístas, pois ele age agora de acordo com sua natureza iluminada, que é seu eu, seu *self*, que não pode ser negado. Sempre suas ações são necessárias, pois decorrem determinados caráter e espírito, sob determinadas circunstâncias a cada momento de sua vida. É impensável que o ser humano possa ser movido por algo além de seu próprio bem-estar. Se alguém doa milhões para os pobres, faz isso, no melhor sentido, apenas para devolver a paz ao seu coração, que foi roubada pela visão da miséria alheia. Se alguém gosta de dar presentes, faz isso apenas porque a alegria brilha mais intensamente nele quando outros são felizes, e porque ele deseja essa alegria radiante em seu peito, é por isso que ele dá presentes.

Em qualquer caso que se possa imaginar, sempre é o próprio bem, que de forma aberta ou disfarçada, move o ser humano a agir.

A verborragia deve ser combatida em todos os lugares; mas com mais rigor ainda no campo da filosofia, pois aqui pode causar o maior dano. Deve-se persegui-la como um animal selvagem; é extremamente prejudicial. A verborragia por excelência, no entanto, é: que a ausência de toda motivação egoísta seria o critério para uma ação moral (Kant, Schopenhauer).

Se cada ação é também egoísta, não deve ser ignorado o fato de que as ações diferem entre si, conforme o grau de egoísmo. O ser humano que se afastou da vida e deseja apenas a morte é um egoísta como aquele que deseja a vida com toda a sua força; mas o egoísmo do primeiro não é o egoísmo natural, que geralmente se chama simplesmente egolatria ou interesse próprio.

Em outras palavras, tanto a vontade originalmente boa quanto a má só podem se inflamar, ou seja, se entregar completamente ao universal – colocar-se de bom grado na direção do movimento da humanidade – se o conhecimento lhes promete uma grande vantagem.

É possível isso?

O egoísta natural, cujo lema é: *Pereat mundus, dum ego salvus sim*[7], se retira completamente diante do mandamento e opõe-se à movimentação real de forma hostil. Ele pensa apenas em seu benefício pessoal e, se puder obtê-lo (sem entrar em conflito com as

[7] "Pereat mundus, dum ego salvus sim" é uma expressão em latim que significa "Que o mundo pereça, desde que eu esteja salvo". Essa frase reflete uma atitude egoísta e uma preocupação primordial com a própria salvação ou bem-estar, independentemente das consequências para o mundo ao redor.

leis) às custas da paz e da prosperidade de muitos, não se preocupa com as queixas e sofrimentos desses muitos. Ele deixa as moedas de ouro escorregar entre os dedos, e para as lágrimas dos despojados seus sentidos parecem mortos.

Além disso, o ser humano, o justo e misericordioso por natureza, embora goste de deixar a cada um o que lhe pertence e de aliviar, de vez em quando, a necessidade de seus próximos; mas de modo algum se colocará de forma que sacrifique toda a sua propriedade, deixe esposa e filhos e derrame seu sangue pelo bem da humanidade: isso ele não fará.

O cristianismo ameaçou seus adeptos com o inferno e prometeu-lhes o reino dos céus, mas a ética imanente não conhece julgamento após a morte, recompensa ou punição de uma alma imortal. Em contraste, ela conhece o inferno do estado presente e o reino dos céus do estado ideal e, ao apontar para ambos, se mantém firme na física.

Assim, ela alcança cada um onde ele está enraizado na humanidade e na vida, e exclama: "Você vive em seus descendentes, em seus filhos você celebra sua reencarnação, e o que os afetará, também o afetará neles. Enquanto o Estado ideal não se tornar real, as posições e condições na vida mudam. O rico se torna pobre e o pobre se torna rico; o poderoso se torna insignificante e o insignificante se torna poderoso; o forte se torna fraco e o fraco se torna forte. Nessa ordem das coisas, você é hoje bigorna, amanhã martelo, hoje martelo, amanhã bigorna." Portanto, você age contra seu bem geral se estiver empenhado em manter essa ordem das coisas.

Esta é a ameaça da ética imanente; sua promessa é o Estado ideal, ou seja, uma ordem das coisas na qual tudo o que não está essencialmente ligado à vida é separado: miséria e sofrimento. Ela sussurra ao pobre: "Não haverá mais angústia nem gritos, não haverá mais lágrimas e olhos cansados por causa da necessidade e da miséria."

Este conhecimento do ser humano que está enraizado na vida – pois isso é condição: ele deve ser uma vontade inabalável de viver, deve viver e desejar se manter na vida além da morte – este conhecimento do ser humano, eu digo:

1. que ele vive em seus filhos, ou, de forma geral, que ele está enraizado na humanidade, só pode se manter na vida através dela e por ela;
2. que a atual ordem das coisas exige a mudança de posições (os habitantes de Hamburgo dizem: o saco de dinheiro e o saco de mendigo não pendem por cem anos na mesma porta);
3. que no Estado ideal a vida melhor possível é garantida a todos;

4. finalmente, que o movimento da humanidade, apesar dos não desejantes e dos resistentes, tem o Estado ideal como objetivo e o alcançará;

este conhecimento, essa percepção que se impõe a todo pensador pode inflamar a vontade: gradualmente ou instantaneamente. Então ele entra completamente no movimento da totalidade, então nada mais é do que nadar com a corrente. Ele está na movimentação do destino, age de acordo com seu comando e com prazer, ou seja, suas ações são eminentemente morais e sua recompensa é: paz consigo mesmo, felicidade pura e luminosa.

O movimento da humanidade em direção ao Estado ideal será, no entanto, seguido pelo outro, do ser para o não-ser, ou, em outras palavras: o movimento da humanidade em geral é o movimento do ser para o não-ser. No entanto, se mantivermos ambos os movimentos separados, então, assim como da primeira emerge a devoção total por todo o universal, da última surge a devoção à virgindade, que na religião cristã não é exigida, mas foi recomendada como a mais alta e perfeita virtude; pois, embora o movimento se realize apesar do desejo sexual e da voluptuosidade, ele se dirige a cada um com a exigência séria de ser casto, para que chegue mais rapidamente ao seu objetivo.

Diante dessa exigência, justos e injustos, piedosos e impiedosos, heróis e criminosos recuam, e com exceção dos poucos que, como Cristo disse, nasceram eunucos do ventre materno, nenhum ser humano pode cumpri-la de bom grado sem ter passado por uma transformação total de sua vontade.

Todas as transformações, todas as inflamações da vontade que examinamos até agora foram mudanças de uma vontade que ainda desejava a vida, e o herói, como o santo cristão, apenas a sacrificava, ou seja, desprezava a morte porque recebia uma vida melhor em troca. Agora, no entanto, a vontade não deve mais apenas desprezar a morte, mas amá-la, pois a castidade é amor à morte. Exigência inaudita! A vontade de viver quer vida e existência, existência e vida. Ela quer viver para sempre e, como só pode permanecer na existência através da procriação, seu desejo fundamental se concentra no impulso sexual, que é a mais completa afirmação da vontade de viver e supera em intensidade e força todos os outros impulsos e desejos.

Como deve o homem cumprir essa exigência? Como pode superar o impulso sexual, que para qualquer observador honesto da natureza parece quase insuperável? Apenas o medo de um grande castigo, combinado com uma vantagem que supera todos os outros benefícios, pode dar ao homem a força necessária para vencê-lo. Ou seja, a vontade deve se

acender a partir de um conhecimento claro e totalmente seguro. É o conhecimento já mencionado acima, de que a inexistência é melhor do que a existência, ou o conhecimento de que a vida é o inferno, e a doce e tranquila noite da morte absoluta é a aniquilação do inferno.

Aqui, pode parecer que o homem, ao abraçar a virgindade com fervor moral, para alcançar a morte absoluta, a completa e total redenção da existência, está imerso em uma lamentável ilusão; além disso, que ele, ao estar em completa ou parcial negação da vontade de viver (afirmação da vontade de morrer), age contra a natureza, contra o universo e seu movimento do ser para o não-ser. Mas não temamos: isso parece assim, como mostrarei agora.

Aquele que nega efetivamente a vontade de viver colhe na morte a completa e total destruição do tipo. Ele rompe sua forma, e nenhuma força no universo pode recriá-la: ela é apagada para sempre, em sua particularidade e na dor e sofrimento associados. E mais ele não pode exigir, tampouco exige mais. Através da privação do prazer sexual, ele se liberta da reencarnação, da qual sua vontade se estremece, assim como o rude diante da morte. Seu tipo está redimido: esse é seu doce prêmio.

Por outro lado, aquele que afirma sua vontade de viver não encontra redenção na morte. Seu tipo também desaparece e se dissolve em seus elementos; mas na realidade, ele já iniciou sua nova e árdua jornada, em um caminho cuja extensão é incalculável.

Os elementos dos quais o tipo é composto permanecem na sua morte. Eles perdem o caráter típico, a característica típica, e entram novamente na vida cósmica geral, formando conexões químicas ou ingressando em outros organismos, cujas vidas sustentam. O fato de que eles persistem, no entanto, não deve perturbar o sábio; pois, em primeiro lugar, eles nunca mais poderão se reunir para formar seu tipo individual; além disso, ele os sabe no caminho seguro da redenção.

Vamos para o segundo argumento. Aquele que está na negação da vontade de viver deve agir contra a natureza ao reprimir o impulso sexual. A resposta a isso deve ser, primeiramente, que em um universo que está em conexão dinâmica fixa e é totalmente governado pela necessidade, nada absolutamente pode acontecer que seja contra a natureza. O santo entrou na vida com um caráter e um espírito bem determinados, e ambos foram moldados no fluxo do mundo. Assim, chegou o momento com necessidade, e sua vontade teve que se acender no conhecimento e entrar na negação. Onde está, em todo esse processo

individual de desenvolvimento, o menor ponto de objeção? Longe de agir contra a natureza, o santo está no meio do movimento do universo, e se no momento de sua morte seu tipo desaparece do universo, isso teve que acontecer assim, em relação ao propósito do todo.

Devemos também observar que aquele que reprime o impulso sexual está lutando uma batalha que enfraquece mais efetivamente a soma das forças no universo do que a mais completa dedicação à vida. Como Montaigne adverte corretamente, é mais fácil carregar uma armadura durante toda a vida do que ser casto, e os hindus dizem: é mais fácil arrancar a presa de um tigre do que deixar o impulso sexual insatisfeito. Se isso é o caso, então, sob este aspecto também, o santo está a serviço da natureza: ele a sacrifica com fidelidade e acelera assim seu curso da maneira mais eficaz.

Enquanto o sedento pela vida faz da força *o alimento de sua paixão* (Judith Hebbel), e *o cavaleiro é consumido por seus cavalos* (idem), o casto usa a força para dominar a si mesmo.

A luta que o filho do mundo trava com o mundo – e depois continua em seus descendentes, reagindo incessantemente a ações externas –, é transferido para o próprio peito pelo filho da luz – cheio de humildade e orgulho ao mesmo tempo, valente como ninguém – e é nocauteado, sangrando por mil feridas. Enquanto o filho do mundo exclama em júbilo selvagem:

> *"É tão singularmente belo morrer através da vida! Deixando o fluxo aumentar até que a veia que deve recebê-lo se rompa, misturando o maior prazer e os tremores da aniquilação!"* (Judith Hebbel)

o sábio escolhe apenas o horror da aniquilação, ao considerar o nada absoluto, e renuncia à voluptuosidade; pois após a noite vem o dia, após a tempestade a doce paz do coração, após o céu tempestuoso o puro firmamento etéreo, cujo brilho é raramente e cada vez mais raramente perturbado por uma pequena nuvem (a inquietação pelo impulso sexual), e depois a morte absoluta: a redenção da vida, a libertação de si mesmo!

O herói sábio, a mais pura e gloriosa manifestação do mundo, encontra na sua vida a verdadeira e genuína felicidade, e ao fazê-lo, exige, como nenhum outro, o movimento do universo do ser para o não-ser. Pois, em primeiro lugar, ele sabe que sua forma será quebrada na morte, e "carregando esse seguro tesouro no peito", totalmente satisfeito e buscando nada mais para si no mundo, ele dedica sua vida à vida da humanidade. Assim, e através da batalha triunfantemente concluída em seu peito, ele também, quando um dia

partir ao reino celestial da paz interior para a aniquilação, completou gloriosamente o trabalho que deveria realizar como organismo para o cosmos.

E o ser humano que reconheceu claramente e distintamente que toda vida é sofrimento, que é, seja qual for a forma que tome, essencialmente infeliz e dolorosa (mesmo no Estado ideal), e que, como a criança de Cristo nos braços da *Madona Sistina*, só pode olhar para o mundo com olhos aterrorizados, e que então considera a calma profunda, a felicidade inefável na contemplação estética e a felicidade, em contraste com o estado de vigília, experimentada na reflexão do sono sem estado, cuja elevação à eternidade é a morte absoluta – tal ser humano deve se acender com a vantagem oferecida, ele não pode de outra forma. O pensamento de renascer, ou seja, ter que seguir incessantemente na estrada espinhosa e pedregosa da existência com filhos infelizes, é, por um lado, o mais horrível e desesperador que ele pode ter; por outro lado, o pensamento de poder interromper a longa, longa série de evolução, na qual ele sempre teve que avançar com pés sangrando, empurrado, atormentado e torturado, desfalecendo por descanso, é o mais doce e revigorante. E se ele estiver no caminho certo, o impulso sexual o perturba cada vez menos a cada passo, a cada passo seu coração se alivia, até que seu interior, por fim, se encontre na mesma alegria, serenidade feliz e completa imobilidade como o verdadeiro santo cristão. Ele se sente em harmonia com o movimento da humanidade do ser para o não-ser, do sofrimento da vida para a morte absoluta, ele entra alegremente nesse movimento total, age eminentemente moralmente, e sua recompensa é a paz inabalável do coração, o "silêncio do mar da mente", a paz que é superior a toda razão.

E tudo isso pode ocorrer sem a crença em uma unidade no, além ou atrás do mundo, sem medo do inferno ou esperança no reino dos céus após a morte, sem intuição intelectual mística, sem efeito incompreensível da graça, sem contradição com a natureza e nossa autoconsciência: as únicas fontes das quais podemos extrair com certeza, meramente como resultado de um conhecimento imparcial, puro e frio da nossa razão, "a mais alta força do homem".

Assim, teríamos encontrado a felicidade do santo, que devemos chamar de a maior e mais alta felicidade, independentemente de qualquer religião. Ao mesmo tempo, encontramos o fundamento imanente da moral: é o movimento real da humanidade reconhecido pelo sujeito, que exige a prática das virtudes: amor à pátria, justiça, caridade e castidade.

Dessa forma, resulta a importante consequência de que o movimento da humanidade é tão pouco moral quanto as coisas em si são bonitas. Do ponto de vista da natureza, nenhum homem age moralmente; aquele que ama seu próximo não age de forma mais meritória do que aquele que o odeia, tortura e atormenta. A humanidade tem apenas um curso, que o agente moral acelera. Do ponto de vista do sujeito, no entanto, toda ação é moral, que, consciente ou inconscientemente, está em conformidade com o movimento fundamental da humanidade e é feita com prazer. O apelo para agir moralmente tira sua força do fato de que garante ao indivíduo, seja paz temporária da alma e uma vida melhor no mundo, ou paz duradoura da alma nesta vida e completa aniquilação na morte, ou seja, a vantagem de ser redimido mais cedo do que a totalidade. E essa última vantagem supera tanto todos os benefícios terrenos que atrai irresistivelmente o indivíduo que a reconhece para o caminho onde ela está, como o ferro é atraído para o ímã.

Para aqueles que têm uma vontade misericordiosa inata, a transformação ocorre mais facilmente; pois são vontades que o curso do mundo já enfraqueceu, cujo egoísmo natural o curso do mundo já transmutou em um egoísmo purificado. O sofrimento de seu próximo desperta neles o estado ético extremamente significativo da compaixão, cujos frutos são ações verdadeiramente morais. Sentimos na compaixão uma dor positiva em nós; é um profundo sentimento de desgosto que rasga nosso coração, e só podemos aliviá-lo fazendo o próximo sofredor livre de sofrimento.

A inflamação da vontade ao reconhecer que a humanidade se move do ser para o não-ser, e ao reconhecer que o não-ser é melhor do que o ser, ou mesmo somente ao reconhecer esta última verdade – que pode ser obtida independentemente da primeira por uma visão clara do mundo – é a negação filosófica da vontade individual de viver. A vontade assim inflamada deseja até a morte o estado feliz da paz interior, sem interrupção, e na morte a completa destruição, a plena e total redenção de si mesma. Ela deseja ser riscada do livro da vida para sempre, deseja perder com o fim do movimento a vida e com a vida o núcleo mais profundo da sua essência. Esta ideia determinada deve ser destruída, este tipo determinado, esta forma definida deve ser quebrada para sempre.

A filosofia imanente não conhece milagres e não sabe nada sobre eventos em um outro mundo desconhecido, que seriam consequências de ações neste mundo. Portanto, para ela, só existe uma negação absolutamente segura da vontade de viver; é a que vem através da virgindade. Como vimos na física, o homem encontra na morte a destruição absoluta; no entanto, ele é apenas aparentemente destruído se ele continua vivendo nos

filhos; pois nesses filhos ele já ressuscitou da morte: ele agarrou novamente a vida neles e a afirmou por um período de tempo que é indefinível. Isso é sentido instintivamente por todos. A invencível aversão dos sexos após a fecundação, no reino animal, aparece no ser humano como uma profunda tristeza.

Portanto, a filosofia imanente não pode atribuir a menor importância e significado ao momento da morte. Nela, o homem não tem mais escolha sobre se deseja viver novamente ou ser eternamente morto. O arrependimento por atos ruins, que frequentemente ocorre na hora da morte porque o reconhecimento muda subitamente e vê-se claramente o quão inútil foi toda a busca terrena – tudo o que o coração desejou deve ser abandonado – é a mais tola autopunição. O moribundo deveria esquecer tudo, considerando que ele já sofreu o suficiente nesta vida e já cumpriu tudo enquanto vivia, e deveria se concentrar apenas em seus descendentes, exortando-os enfaticamente a desistir da vida, que é essencialmente marcada pelo sofrimento. E na esperança de que suas palavras tenham encontrado um terreno favorável, de que ele será logo redimido em seus filhos, que ele possa exalar tranquilamente seu último suspiro.

Por outro lado, a filosofia imanente atribui a maior importância ao momento em que uma nova vida deve ser criada; pois nela o homem tem a decisão plena sobre se deseja continuar vivendo ou ser verdadeiramente destruído na morte. O relevante não é a luta da vida com a morte no leito de morte, na qual a morte vence, mas a luta da morte com a vida durante a cópula, na qual a vida vence. Se o indivíduo, em intensa paixão, morde a existência e a abraça com braços de aço: no frenesi do desejo, a redenção é posta à venda. No júbilo exuberante, o pobre encantado não percebe que o tesouro mais precioso está sendo retirado de suas mãos. Pela breve alegria, ele o trocou por um sofrimento interminável, que apesar de não ser infinito, pode ser muito, muito longo, um peso sofredor da existência, e as moiras se exultam: "Você é nosso!" enquanto seu gênio se oculta.

Encontramos acima que o verdadeiro sábio deve estar realmente por cima da vida, que sua vontade deve ter se inflamado com o reconhecimento da futilidade da vida. Se apenas esse reconhecimento está presente, sem que tenha passado, como que no sangue – para o demônio – ou ainda: se a vontade, como espírito, reconhece que nunca encontrará a satisfação que busca na vida, mas ainda assim, no momento seguinte, abraça avidamente a vida com mil braços, então nunca surgirá o verdadeiro sábio.

Essa estranha relação entre vontade e espírito é a base da natureza do humorista. O humorista não consegue permanecer constantemente no claro cume onde o sábio está.

O homem comum está totalmente imerso na vida; ele não se preocupa com o mundo, ele não pergunta nem: de onde eu vim? nem: para onde eu vou? Seus objetivos terrenos estão sempre claramente definidos. O sábio, por outro lado, vive em uma esfera restrita que ele mesmo criou ao seu redor, e está ciente – por qual caminho é indiferente – de si mesmo e do mundo. Cada um deles repousa firmemente sobre si mesmo. Não é assim com o humorista. Ele provou a paz do sábio; ele sentiu a bem-aventurança do estado estético; ele foi um hóspede na mesa dos deuses; ele viveu em um éter de clareza transparente. E ainda assim, uma força irresistível o puxa de volta para a lama do mundo. Ele foge dela porque só pode aprovar um único desejo, o desejo pela paz do túmulo, e deve rejeitar tudo o mais como tolice; mas sempre e sempre as sereias o seduzem e o puxam de volta ao redemoinho, e ele dança e salta na sala abafada, com profunda saudade de paz e tranquilidade no coração; pois pode-se chamá-lo de filho de um anjo e de uma filha dos homens. Ele pertence a dois mundos, porque lhe falta a força para renunciar a um deles.

No salão dos deuses, sua alegria pura é perturbada por um grito de baixo, e quando ele se entrega aos prazeres lá embaixo, a saudade de cima o priva do prazer puro. Assim, seu demônio é atirado de um lado para o outro e se sente dilacerado. O estado fundamental do humorista é a insatisfação.

Mas o que no humorista não vacila e oscila, o que é sólido como uma rocha, o que ele agarrou e não solta, é o reconhecimento de que a morte é preferível à vida, "que o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento". Ele não é um sábio muito menos um herói sábio, mas ele é aquele que reconhece completamente a grandeza desses nobres, a sublimidade de seu caráter, e sente plenamente o sentimento de bem-aventurança que os preenche. Ele os carrega como ideal dentro de si e sabe que, sendo um homem, pode realizar o ideal dentro de si, se sim, se "o sol estiver favorável ao cumprimento dos planetas".

A partir disso e do firme reconhecimento de que a morte é preferível à vida, ele orienta sua desilusão e se eleva acima de si mesmo. Agora ele está livre da desilusão e agora, o que é muito importante, o seu próprio estado, do qual ele escapou, torna-se um objetivo. Ele o compara ao estado de seu ideal e sorri para a tolice de sua incompletude: pois o riso sempre surge quando descobrimos uma discrepância, ou seja, quando medimos algo com uma escala espiritual e o achamos curto ou longo demais. Colocado em relação genial ao seu próprio estado, ele ainda não perde de vista que em breve cairá novamente na tolice que sorri, porque conhece o poder de seu amor pelo mundo, e assim apenas um olho ri,

enquanto o outro chora, agora a boca conta piadas, enquanto o coração sangra e deseja se romper, agora sob a máscara da alegria, a mais profunda seriedade se oculta.

O humor é, portanto, um movimento duplo muito peculiar e totalmente próprio. Sua primeira parte é um movimento desconfortável de um lado para o outro entre dois mundos, e sua segunda parte não é um estado puramente contemplativo. Também nele, a vontade oscila entre a plena liberdade da insatisfação e a saudade da melancolia.

O mesmo sucede quando o humorista olha para o mundo. Em cada fenômeno nele, ele silenciosamente aplica seu ideal e nenhum cobre o mesmo. Então ele deve sorrir. Mas logo ele se lembra de como a vida atrai poderosamente, como é imensamente difícil renunciar a ela, já que todos nós somos, por completo, vontade faminta de viver. Agora ele pensa, fala ou escreve sobre outros tão deliciosamente gentil quanto se julga, e com lágrimas nos olhos, sorrindo, brincando com lábios tremendo, quase lhe quebra o coração de compaixão pelos homens: *"O completo sofrimento da humanidade o atinge"*. (Goethe)

É claro que o humorista, mais do que qualquer outro mortal, é adequado para se tornar um verdadeiro sábio. Uma vez que a inabalável percepção se acenda de alguma forma na vontade, a piada foge dos lábios sorridentes e ambos os olhos se tornam sérios.

Aqueles que olham com certeza para a redenção através da morte, estão, embora desarraigados no mundo, com apenas o desejo de passar logo de sua profunda paz interior para a completa destruição, mas seu caráter original não está morto. Ele apenas retrocedeu para o fundo; e mesmo que não possa mais levar o indivíduo a ações que seriam de seu agrado, ele ainda dará uma coloração especial à vida restante daquele que está na negação.

Por isso, aqueles que estão na certeza da redenção individual não apresentarão uma única e mesma aparência. Nada seria mais errado do que supor isso. Aquele que foi orgulhoso e silencioso não se tornará cortês nem falador; o outro, cuja maneira de ser afetuosa irradiava simpatia por onde passou, não se tornará tímido e sombrio, e um terceiro, que era melancólico, não se tornará alegre nem divertido.

Da mesma forma, a atividade e ocupação não serão iguais para todos. Um se isolará completamente do mundo, fugirá para a solidão e se mortificará como os ascetas religiosos, porque parte da crença de que apenas uma vontade sempre humilhada pode ser mantida na renúncia; outro continuará em sua profissão; um terceiro continuará a consolar as lágrimas dos infelizes com palavras e ações; e um quarto lutará por seu povo ou pela humanidade inteira, empregando sua vida, que para ele é absolutamente sem valor, para que o

movimento em direção ao estado ideal, onde a redenção de todos pode ocorrer, seja acelerado.

Aquele que se retira para si mesmo na negação da vontade merece a plena admiração dos filhos deste mundo; pois ele é um "filho da luz" e anda no caminho certo. Apenas ignorantes ou pessoas más podem se atrever a lançar-lhe fezes.

Mas deve-se estimar ainda mais aquele que, imperturbável internamente, provoca e faz sofrer intensamente o ser exterior para ajudar seus irmãos obscurecidos: incansável, tropeçando, sangrando e se levantando novamente, sem nunca abandonar a bandeira da redenção, até que ele sucumba na luta pela humanidade e a suave e gloriosa luz em seus olhos se apague. Ele é a manifestação mais pura nesta terra: um iluminado, um redentor, um vitorioso, um mártir, um sábio herói.

Todos concordarão apenas que eles estão mortos para a vulgaridade e insensíveis a tudo que pode mover o egoísmo natural, que desprezam a vida e amam a morte. E todos terão um sinal distintivo: a clemência. "Eles não invejam, não se exaltam, suportam tudo, toleram tudo", não condenam e não apedrejam, sempre desculpam e apenas recomendam amigavelmente o caminho onde encontraram a mais preciosa paz e a mais gloriosa serenidade.

Quem nega a vida apenas despreza o meio de quem a afirma; e isso porque encontrou um meio melhor para o objetivo comum.

Assim, a posição do sábio em relação aos seus semelhantes também está estabelecida. Ele não os insultará nem os ridicularizará com o orgulho de seu conhecimento superior. Ele vê como eles se atormentam com uma ferramenta que lhes tomará semanas para dominar. Ele lhes oferece outra, que exige um pouco mais de esforço, mas leva ao objetivo em poucos minutos. Se eles se obstinam, ele deve tentar convencê-los. Se não conseguir, deve deixá-los seguir. Pelo menos agora eles conhecem a verdade, e ela trabalha silenciosamente neles, pois "*Magna est vis veritatis et praevalebit!*[8]"

Assim, virá o tempo em que também a eles lhes cairão as vendas dos olhos. Da mesma forma, ele não virará os olhos quando vê pessoas alegres se entregando a um júbilo frenético. Ele pensará: "Pobre humanidade!" e logo dirá: "Sigam assim! Dancem, pulem,

[8] "Magna est vis veritatis et praevalebit" é uma expressão em latim que significa "Grande é a força da verdade e ela prevalecerá". Esta frase sugere que a verdade, por sua própria força e poder, inevitavelmente triunfará ou prevalecerá sobre falsidades e enganos.

seduzam e deixem-se ser seduzidos!" O cansaço e a ressaca virão por si mesmos; e logo lhes virá também o fim.

É tão claro quanto a luz do sol. O otimismo deve ser o oposto do pessimismo? Que pobreza e erro! Toda a vida do universo, antes do surgimento de uma razão contemplativa sábia, deve ter sido um jogo sem sentido, como um doente em estado febril, dando voltas de um lado a outro? Que loucura! Como pode um cérebro que pesa de 1 a 2 quilogramas julgar a evolução do universo em um grande espaço de tempo inefável e condená-lo? Isso seria pura loucura!

Quem é, então, um otimista? Um otimista é necessariamente aquele cuja vontade ainda não está madura para a morte. Seus pensamentos e máximas (sua visão de mundo) são as flores de seu impulso e fome pela vida. Se lhe for dado um melhor conhecimento, mas ela não faz raízes em seu espírito, ou caso se apodera dele mas apenas lança "raios frios" em seu coração, porque está obstinado e duro – o que deve ele fazer? Pois seguir adiante! Sua hora também virá, pois todos os seres humanos, e tudo na natureza, tem um único objetivo.

E quem é um pessimista? Quem deve ser? Quem está maduro para a morte. Ele pode amar a vida tanto quanto aquele que se afasta dela. Se ele não reconhecer que continuaria vivendo em seus filhos – o que faria a procriação perder seu caráter cruel – como Humboldt se horroriza ao comprar poucos minutos de prazer com as dores que um ser estranho pode sofrer por 50 anos, ele considerará a procriação como um crime.

Então, abaixem as armas e não lutem mais; pois a sua luta foi provocada por um mal-entendido: ambos querem a mesma coisa.

Ainda precisamos obter a posição do filósofo imanente em relação ao criminoso.

No Estado, o criminoso é proscrito e isso com pleno direito; pois o Estado é a forma que entrou na vida da humanidade, na qual a grande lei do enfraquecimento da força se manifesta como lei do sofrimento, e na qual somente o homem pode ser rapidamente redimido. O movimento do universo santifica ele e suas leis fundamentais. Ele força as pessoas a ações legais, e quem viola as leis fundamentais ergue barreiras entre si e seus compatriotas que permanecem até a morte. "Ele roubou", "ele assassinou": são correntes invisíveis com as quais o criminoso é sepultado.

Mas no Estado há uma postura livre e bela, onde os fiéis braços envolvem o criminoso e as fiéis mãos colocam sobre o estigma de sua testa e a ocultam: é o ponto de

vista da religião pura. Quando Cristo deveria condenar a adúltera, ele pediu aos acusadores que a apedrejassem caso se sentissem puros, e quando ele estava pendurado entre dois assassinos na cruz, prometeu a um deles o reino dos céus, o lugar onde – segundo sua promessa – apenas os bons deveriam residir.

A filosofia imanente mantém esse ponto de vista na metafísica.

Quando se olha o criminoso por necessidade e só se considera aqueles que, empurrados por seu demônio, violaram a lei apesar de todas as motivações contrárias, deve-se admitir que agiram com a mesma necessidade com que uma boa vontade realiza obras de justiça e amor ao próximo.

O criminoso, assim como o santo, apenas contribui para moldar um curso do mundo necessário, que em si não é moral. Ambos servem ao todo. Este é o primeiro ponto que exige a misericórdia. O criminoso, através da intensidade de sua vontade e da infelicidade de seus desejos, está não apenas separado da paz que é superior a toda razão, mas também se encontra em tormentos maiores do que os tormentos infernais ou as consequências do castigo legal. "Para o insensato, a sua insensatez lhe é castigo" (Provérbios 16:22).

E o filósofo imanente deveria afastar de si o coração selvagem e infeliz? Como ele deveria se desprezar se o fizesse! A vontade individual mais intensa pela vida, que podemos (se quisermos caracterizá-la de forma precisa) chamar de um demônio maligno, contribui para moldar esse curso necessário tão bem quanto o santo mais puro. Sim, o que é realmente um ser humano, a partir do ponto de vista mais elevado da filosofia, ou seja, o ponto de vista mais elevado do cristianismo esotérico, que chamamos de um demônio maligno? O que ele deseja? Ele deseja exatamente o mesmo que o santo deseja: o não-ser. Apenas este objetivo está oculto para ele, e a vida é para ele tanto meio quanto fim, enquanto para o olhar claro do filósofo, ela se apresenta apenas como meio. Quanto mais intensa a vontade de viver, mais cedo a força é mortificada e o não-ser alcançado. Por isso, geralmente são as naturezas mais apaixonadas que – renascendo, de glutões, assassinos, ladrões – se tornam repentinamente ascetas. Elas são comparáveis a uma pedra lançada com grande força para cima: quanto mais alto ela é lançada, ou seja, quanto maior foi a velocidade inicial, maior também é a velocidade final.

Aqui também está a solução para o belo mito persa, de que Satanás é superado por Deus e, no fim do curso do mundo, se torna um deus da luz pura. Satanás é o meio

personificado para um fim. Deus só pode alcançar o que deseja: o não-ser, através de Satanás, através da luta feroz dos indivíduos. O chamado mal, o pecado, decorre do mesmo efeito do qual decorre o chamado bem, a virtude.

Quem deseja conhecer o princípio do mal em sua beleza demoníaca até o fundo deve ler *Paraíso Perdido* de Milton. O anjo caído, com a cabeça orgulhosamente inclinada para trás, a profunda melancolia no olhar sombrio e as linhas de sofrimento ao redor da boca, ansiando não por uma luz pura, mas pelo brilho avermelhado da chama infernal – esse espírito martirizado toca a corda sensível de cada ser humano. O genial Byron também colocou o princípio maligno sob a luz certa.

Mas a redenção foi encontrada por todos os aniquilados, e eles a mereceram. Pois qual sensato teria a coragem de afirmar que a redenção é concedida apenas àquele que a conquistou por meio da caridade ou da castidade? Todos aqueles que o destino lançou na noite escura da aniquilação total, compraram muito caro a libertação de si mesmos através do sofrimento. Até o último centavo, eles pagaram o resgate estipulado simplesmente por viver: pois a vida é sofrimento. Por milhares de séculos, eles tiveram que avançar, como uma vontade faminta pela vida, ora em uma forma, ora em outra, inquietamente para frente, sempre sentindo o chicote na nuca, sendo empurrados, pisoteados, dilacerados; pois lhes faltava o princípio libertador: a razão pensante. Quando finalmente conseguiram obter o bem precioso, a fricção e a necessidade aumentaram com a crescente inteligência. E a chama ardente da vontade tornou-se cada vez menor, até que se transformou em uma chama vacilante e instável, que o menor sopro do vento extinguiu. Os corações se acalmaram, eles foram redimidos.

VI.
Liberdade e necessidade

A maior ilusão em que se pode agarrar é acreditar que, no caminho para o interior, estamos, assim como no caminho para o exterior, conhecendo e que há algo a ser conhecido em relação ao que nos é dado. Estamos no meio da coisa em si; não se pode mais falar de um objeto, e percebemos imediatamente o núcleo da nossa essência, através da autoconsciência, no sentimento. É uma percepção imediata da nossa essência pelo espírito, ou melhor, pela sensibilidade.

Qual é então a força que se revela no núcleo do nosso interior? É a vontade de viver.

Sempre que entramos no caminho para o interior – independentemente de estarmos em aparente tranquilidade e indiferença, quer experimentamos a felicidade sob o beijo do belo, quer nos desesperemos e nos revoltemos em paixão selvagem ou derretamos em compaixão, apesar de lançarmos gritos de júbilo ao céu ou cairmos em aflição mortal – sempre somos a vontade de viver. Queremos estar aqui, sempre aqui; porque queremos a existência, existimos e, porque queremos a existência, permanecemos nela. A vontade de viver é o núcleo mais profundo da nossa essência; ela está sempre ativa, embora nem sempre a superfície. Para se convencer disso, basta colocar o indivíduo mais abatido a um perigo de morte real e a vontade de viver se revelará, exibindo com espantosa clareza sua ânsia pela existência: seu apetite pela vida é insaciável.

Mas quando, de fato, o ser humano já não quer mais viver, ele se aniquila imediatamente pela ação. A maioria apenas deseja a morte, mas, na verdade, não a quer.

Aqui surge uma grande dificuldade. Se a vontade individual de viver é o único princípio do mundo, então deve ser completamente independente. Mas se é independente e totalmente autônoma, então é impossível haver uma conexão dinâmica no universo. A experiência ensina exatamente o contrário: ela impõe a cada observador atento da natureza a conexão dinâmica e aponta simultaneamente a dependência do indivíduo dela. Portanto, (parece-se tentar concluir que) a vontade individual não pode ser o princípio do mundo.

Na terminologia filosófica, o problema se apresenta da seguinte forma: Ou as essências particulares são substâncias independentes, e então o *influxus physicus*[9] é uma impossibilidade – pois como pode um ser totalmente independente ser influenciado por outro, causando mudanças nele por coerção? – ou os seres individuais não são substâncias independentes, e então deve haver uma substância simples que anime os seres individuais, da qual os seres individuais têm a vida apenas em empréstimo.

O problema é extremamente importante; pode-se até mesmo considerá-lo o mais importante de toda a filosofia. A autonomia do indivíduo está em grande perigo, e parece, conforme a descrição acima, que está irremediavelmente perdida. Se a filosofia imanente não conseguir salvar aqui o indivíduo – que até agora protegeu com tanta lealdade – surge a pressão lógica de considerá-lo uma marionete e devolvê-lo, incondicionalmente, à mão onipotente de uma essência transcendente.

Então, o que resta é: ou monoteísmo, ou panteísmo. Assim, a natureza mente e nos dá ouro falso em vez de ouro verdadeiro, se nos mostra apenas indivíduos em todos os lugares e em nenhum lugar uma unidade simples; então mentimos a nós mesmos se nos entendemos na mais íntima autoconsciência como um "eu" ansioso ou desafiador, feliz ou sofredor; então não há um domínio puramente imanente, e, portanto, uma filosofia imanente só pode ser uma obra de engano e ilusão.

Por outro lado, se conseguirmos salvar a vontade individual, a realidade da experiência interior e exterior, então também há a necessidade lógica de romper definitivamente e para sempre com todas as fantasias transcendentais, seja sob a forma de monoteísmo, panteísmo ou materialismo; então – e pela primeira vez – o ateísmo é cientificamente fundamentado.

Vê-se que estamos diante de uma questão muito importante.

Parece agora que o homem desfruta de um *liberum arbitrium indifferentiae*[10], isto é, que sua vontade é livre, pois pode executar ações que não estão de acordo com seu caráter e são totalmente contrárias à sua natureza. Mas isso não é verdade: a vontade nunca é livre e tudo no mundo ocorre com necessidade.

---

[9] "Influxus physicus" refere-se à ideia de uma influência ou efeito físico que um objeto pode ter sobre outro, geralmente em contextos onde se discute a interação entre mente e corpo ou entre causas e efeitos naturais.

[10] "Liberum arbitrium indifferentiae" refere-se à liberdade de escolha em que a vontade é indiferente entre duas ou mais opções, sem inclinação para uma delas.

Cada ser humano tem, no momento em que é abordado por um motivo, um determinado caráter, o qual deve agir, se o motivo for suficiente. O motivo aparece com necessidade (pois cada motivo é sempre o elo de uma cadeia causal que controla a necessidade), e o caráter deve segui-lo com necessidade, pois é um caráter determinado e o motivo é suficiente.

Agora, considere o seguinte: o motivo é suficiente para o meu caráter, mas insuficiente para todo o meu eu, porque meu espírito estabelece meu bem comum como motivação contrária e este é mais forte que aquele. Agi livremente porque não cedi a um motivo suficiente para meu caráter? De forma alguma! Pois meu espírito, por natureza, é determinado e sua formação, em qualquer direção, ocorreu com necessidade, porque pertenço a esta família, nasci nesta cidade, tive estes professores, mantive este círculo de amizades, tive essas experiências específicas, etc.

O fato de que este espírito, surgido com necessidade, possa me dar uma motivação contrária no momento da tentação, maior do que todos os outros, não rompe de modo algum a necessidade. Também o gato age contra seu caráter, sob a influência de uma motivação contrária, quando não se sente na presença da cozinheira e, no entanto, ninguém atribuiu a um animal vontade livre.

Ademais, já indico que a vontade pode, ao reconhecer seu verdadeiro bem, ser levada a negar seu núcleo mais íntimo e não querer mais a vida, isto é, entrar em contradição completa consigo mesma. Mas, se ela faz isso, age livremente? Não! Porque então o conhecimento nasceu na vontade com necessidade e, com necessidade, deve segui-lo. Não pode agir de outra forma, assim como a água não pode fluir para cima.

Portanto, se vemos um ser humano agir de forma diferente de seu caráter determinado, ainda estamos diante de uma ação que teve que ocorrer com a mesma necessidade que a de outra pessoa que seguiu apenas sua inclinação; pois no primeiro caso surgiu a partir de uma vontade determinado e um espírito capaz de deliberar, ambos agindo com necessidade. Concluir a partir da faculdade de deliberação do espírito a liberdade da vontade é o maior absurdo que se pode cometer.

No mundo, temos que lidar apenas com movimentos necessários da vontade individual, sejam movimentos simples ou resultantes. Não é porque a vontade no homem está associada a um espírito capaz de deliberar que ela é livre, mas sim porque, por essa razão, tem um movimento distinto do animal. E aqui reside também o ponto central de

toda a investigação. A planta tem um movimento diferente do gás ou de um líquido ou de um corpo sólido; o animal tem um movimento diferente da planta, e o homem tem um movimento diferente do animal. Isso se deve ao fato de que no ser humano a razão parcial foi aperfeiçoada em razão completa. Através desta nova ferramenta, nascida da vontade, o homem contempla o passado e antecipa o futuro: agora, em cada caso dado, seu bem comum pode motivá-lo a renunciar a um prazer ou a suportar um sofrimento, ou seja, forçá-lo a ações que não estão de acordo com sua vontade. A vontade não se tornou livre, mas obteve um benefício extraordinariamente grande: adquiriu um novo movimento.

Assim, o ser humano nunca é livre, mesmo que carregue um princípio em si que possa capacitá-lo a agir contra seu caráter; pois esse princípio surgiu com necessidade, faz parte de sua essência – já que é parte do movimento que lhe é inerente – e opera com necessidade.

Portanto, serei bem breve. Não invadimos o domínio transcendente. Vimos que nenhuma relação causal pode nos levar de volta ao passado das coisas, mas apenas o tempo. Acompanhando-o, seguimos as séries de desenvolvimento *a parte ante*, mas descobrimos que, no domínio imanente, nunca podemos ir além da multiplicidade. Assim como os tripulantes de um aeróstato nunca alcançam o limite da atmosfera, mas, por mais alto que subam – estarão sempre cercados pelo ar – da mesma forma, a realidade da experiência interna e externa – a vontade individual – nunca nos abandonou. Em contrapartida, nossa razão reivindicou, com razão e de forma implacável, a unidade simples. Diante desta urgência, havia uma saída: permitir que os indivíduos, além do campo imanente, convergissem em uma unidade inconcebível. Não estávamos no presente, onde nunca se pode ir além do ser absoluto do objeto, mas no passado. E quando, então, declaramos extinto o domínio transcendente encontrado e o qualificamos de pre-cósmico e eclipsado, não cometemos nenhuma ofensa à lógica, mas servimos fielmente à verdade.

Tudo o que existe estava, portanto, em uma unidade simples pré-cósmica, diante da qual, como recordaremos, todas as nossas faculdades de conhecimento desmoronaram. Não conseguimos formar "nem imagem nem parábola alguma" dela; consequentemente, também não pudemos nos fazer uma ideia de como o universo imanente da multiplicidade havia existido outrora na unidade simples. No entanto, ganhamos uma certeza irrefutável, a saber: que este mundo da multiplicidade havia sido outrora uma unidade simples, junto à qual nada mais pôde existir.

Aqui está a chave para a solução do problema que nos ocupa.

“Como” e “por que” a unidade se decompôs na multiplicidade são questões que não devem ser colocadas em nenhuma física. Só podemos dizer que, por mais que o processo de decomposição possa ser atribuído, foi obra de uma unidade simples. Portanto, se encontrarmos apenas vontade individual no domínio imanente e o mundo não é nada além de uma unidade coletiva desses indivíduos, ainda assim eles não são totalmente independentes, pois eram uma unidade simples pré-cósmica e o universo foi obra dessa unidade. Assim, pende sobre o mundo da multiplicidade, como um reflexo, a unidade pre-cósmica, como se um laço invisível, irrompível, entrelaçasse todos os seres individuais, e esse reflexo, este laço é a conexão dinâmica do universo. Cada vontade atua sobre todas as outras, direta ou indiretamente, e todas as outras vontades atuam sobre ela da mesma forma, ou seja, todas as ideias estão em "ação recíproca permanente".

Assim, temos o indivíduo parcialmente autônomo, parcialmente ativo por sua própria força, parcialmente sofrendo por outras ideias. Ele intervém na evolução do mundo de maneira independente, e a evolução do mundo influencia sua individualidade.

Antes que o domínio transcendente fosse separado do imanente, de tal forma que o primeiro fosse declarado como existindo somente pré-cósmico e este, como existindo somente agora, julgou-se corretamente a sentença disjuntiva: ou o indivíduo é autônomo, então o *influxus physicus* (a conexão dinâmica) é impossível, ou ele não é autônomo, então o *influxus physicus* é a eficácia de alguma substância simples. Mas agora esse "ou" não tem mais justificativa. A vontade de viver individual, apesar de sua autonomia parcial, é resgatada como o único princípio do universo.

Na vida não há liberdade. Antes do universo, só havia liberdade. É muito curioso que a liberdade nunca tenha sido definida: agir de acordo com sua *essentia*, enquanto, aparentemente, essa teria sido a definição correta. Pois o oposto da liberdade, a coerção, é muito bem definido: ter que agir contra a *essentia*. Também é uma singular abstração colocar o eu em contradição com sua essência e pretender separá-lo de sua natureza. Ele é essa essência que o define em primeira instância e que coincide completamente com ele, como coincidem duas figuras iguais. Nada teria sido, portanto, mais natural do que chamar de livre tudo o que pode viver conforme à sua natureza. Por que a definição não foi aplicada? Por uma razão muito simples: porque o animal agiria então, na maioria dos casos, de maneira livre, e no ser humano está precisamente o agir contra si mesmo por força própria.

É perfeitamente certo transferir a liberdade para o *liberum arbitrium*; pois é disso que se trata: se eu posso fazer ou não algo em um caso específico.

Mas deve-se também ter percebido imediatamente que tal liberdade não é possível no mundo; pois onde uma determinada natureza encontra um motivo adequado, a ação surge, como uma faísca ao tocar pedra e ferro.

Portanto, a definição correta da liberdade só se aplica a Deus antes do universo. Ele pôde se aliviar do mundo ou não, apesar de sua *essentia*, a qual nós não conhecemos. E nesse sentido, a liberdade é inatingível; pois no mundo conhecemos apenas a total dependência do eu de si mesmo e do motivo correspondente, ou seja, apenas necessidade. Mas em Deus devemos postular a independência da natureza e do motivo, ou seja, a verdadeira *indifferentia*. Pois, quando Ele era, era tudo em tudo e nenhum motivo existia; isso não se dará mais.

Agora, no entanto, a situação muda. Uma vez decidida existência, ou seja, decidida a sacrificar o Super-ser pelo não-ser, a *essentia* presente teve que executar a decisão, e por isso o mundo surgiu; pois nesse processo se trata unicamente de desembaraçar-se da *essentia*, quebrar, enfraquecer e, por fim, aniquilar o obstáculo.

Só assim se resolvem as contradições e se obtém resposta à pergunta: por que Deus, se quis não ser, teve primeiro que ser e não se desfez imediatamente? Também a onipotência não é um obstáculo. Esta foi sua onipotência, mas não é que ela quisesse sem essência, o que é absurdo. Onde há uma existência, há também uma essência, e esse é o único fio condutor que passa do domínio imanente para o transcendente – todo o resto é eternamente obscuro para nós.

A independência limitada, a autonomia parcial do indivíduo, é um fato que não pode ser derrubado. No entanto, disso resulta que são falsas todas as doutrinas que deslocam essa posição intermediária do indivíduo para um dos dois polos – total independência e total dependência – especialmente aquelas que colocam o indivíduo em um dos pontos extremos.

De acordo com o panteísmo, o indivíduo é um nada, uma marionete miserável, uma mera ferramenta na mão de uma unidade simples oculta no mundo. Isso resulta que nenhuma ação de um indivíduo é sua, mas uma ação divina que lhe foi feita, e que ele também não tem a menor responsabilidade por suas ações.

O panteísmo é uma grande doutrina na qual a verdade é revelada parcialmente. Há um poder que não é controlado pelo indivíduo, está em suas mãos; mas esse poder, o acaso, é limitado pelo próprio indivíduo, sendo um poder parcial.

De acordo com o ensino de Buda, a essência mais profunda do ser humano molda o que chamamos de acaso a partir de si mesma. Se eu estou na rua e sou atingido por uma bala destinada a outra pessoa, a minha essência onipotente guiou a bala ao meu coração. Se todas as saídas se fecham para mim e tenho que morrer desesperado, não foi um poder externo: fui eu mesmo quem ajustou e arranjou os bastidores de tal forma que não posso mais permanecer no teatro da vida. Se uma doença me deita em um leito de sofrimento por anos, porque fiz tudo o que precisava para que a doença se manifestasse devido à minha plena auto-suficiência, que a trouxe dessa maneira específica. Se eu me torno rico, respeitável, milionário, é porque orquestrei tudo sozinho para alcançar essa posição determinada. Em resumo, tudo, até mesmo o que corretamente atribuímos a um poder externo, ao acaso, é obra minha, é uma emanação da minha essência onipotente, que está apenas sob a sujeição de sua própria natureza determinada, ou seja, todas as boas e más ações em vidas anteriores. E o que o indivíduo faz em sua vida atual – em conjunto com as demais ações não expiadas nem recompensadas de formas anteriores de existência – molda a essência determinada para uma nova vida, que reorganiza e efetiva o que chamamos de acaso.

A doutrina do karma é grandiosa e profunda, assim como o panteísmo, e, em ambas, a verdade se revela parcialmente. O indivíduo tem um poder real, que não é controlado pelo acaso, mas esse poder é limitado pelo acaso; é um poder limitado.

O budismo exerce um fascínio desproporcionalmente maior sobre o pensamento humano do que o panteísmo, embora ele não ofenda mais ou menos a experiência e distorça a verdade, pois enquanto uma unidade onipotente, oculta no mundo, sempre será indiferente ao nosso coração e permanecerá sempre distante dele, o budismo se apoia única e exclusivamente na individualidade, no que é autenticamente real, a única certeza para nós, aquilo que nos é dado de forma imediata, aquilo que conhecemos intimamente.

No entanto, eu repito: a autonomia parcial é um fato no campo imanente, que não pode ser negada. No entanto, ela pode ser complementada em direção à plena autossuficiência do indivíduo se aproximarmos o domínio transcendental passado do domínio imanente real.

Tudo o que existe estava na simples unidade pré-cósmica. Portanto, tudo o que é participou, falando figurativamente, da decisão de Deus de não ser, e tomou, em conjunto com Ele, a decisão de abraçar o não-ser. O momento retardador, a essência de Deus, tornou impossível a execução imediata da decisão. O mundo teve que surgir, o processo no qual o momento retardador é gradualmente abolido. Esse processo, o destino universal do cosmos, foi determinado pela sabedoria divina (falamos sempre figurativamente), e nela, tudo o que existe, determinou seu curso individual.

E Buda está certo: Tudo o que me afeta, todas as desgraças e todos os benefícios do acaso são minha obra: eu os quis. Mas não é no mundo que eu os trago com poder onipotente e incognoscível, mas sim fora do mundo, na unidade simples, eu determinei que eles deveriam me afetar.

O panteísmo também está certo: o destino do cosmos é único, é o movimento de todo o mundo em direção a um objetivo; mas nenhuma unidade simples no mundo realiza isso, agindo em indivíduos aparentes, ora em uma direção, ora em outra, mas uma unidade simples fora do mundo determinou todo o processo, e no mundo, apenas indivíduos reais o realizam.

Platão também tem razão (em *"A República"*, Livro X) ao afirmar que cada ser humano escolhe seu destino antes de entrar na vida. Mas ele não faz essa escolha imediatamente antes do nascimento; na verdade, ele a determina antes do mundo – no campo transcendente, quando o imanente ainda não existia – estabelecendo assim seu destino.

Finalmente, a liberdade agora se une à necessidade. O universo é o ato livre de uma unidade pré-cósmica; mas nele só reina a necessidade, pois caso contrário o objetivo nunca poderia ser alcançado. Tudo se encaixa com necessidade, tudo conspira para um único objetivo.

VII.
Apologia ao suicídio

O homem pura e simplesmente deseja a vida. Ele a deseja conscientemente e por um impulso demoníaco (inconsciente). Somente em segundo plano ele deseja a vida em uma determinada forma. Com exceção dos santos (os santos brâmanes indianos, budistas, cristãos e sábios filósofos, como foi Spinoza), cada um espera que o sopro divino, assim como as asas de uma borboleta, o transporte de uma flor a outra: essa é a confiança comum na bondade de Deus.

No entanto, a experiência também ensina até aos mais tolos que o sopro divino não é apenas uma brisa suave, mas pode também ser um vento gélido ou uma tempestade terrível que pode destruir a flor e a borboleta, então, além da confiança, surge o temor a Deus.

Imaginem um homem comum que acaba de sair da igreja, edificando-se por um sacerdote competente, e diz: "Confio em Deus, estou em suas mãos, Ele o fará bem." Se pudéssemos abrir a dobra mais oculta de seu coração, descobriríamos que, com essa declaração confiante, ele realmente queria expressar: "Meu Deus me salvará da ruína e da destruição." Ele teme a desgraça e a morte, especialmente a morte repentina.

Esse homem confia em Deus? Ele confia com medo: sua confiança não é outra coisa senão o temor a Deus disfarçado de confiança: o medo espreita por mil buracos e rachaduras.

Pode-se, portanto, supor que entre essa confiança em Deus, ou seja, esse temor a Deus, e a confiança do verdadeiro crente, não existe outro grau de confiança. As diferenças surgem apenas na maneira como o crente aceita os golpes e os benefícios do destino: se há, nos polos, desesperança absoluta e tranquilidade absoluta de um lado, alegria absoluta e tranquilidade absoluta do outro, ou em algum ponto dentro desses limites, pois ele sempre diz: “O que Deus faz, está bem feito”.

É apenas a carne, como dizem os teólogos, que treme ou se alegra: a alma está sempre confiante.

Esse crente imediatamente se torna um santo, assim como um cético imediatamente se torna um verdadeiro sábio, quando a morte é desprezada, ou amada. O temor a Deus é temor à morte, a confiança em Deus é desprezo pela morte.

Quem superou o medo da morte – esse e apenas esse – pode gerar a mais preciosa e perfumada flor em seu coração: a invulnerabilidade, a imutabilidade, a confiança absoluta; pois o que no mundo ainda poderia preocupar tal pessoa? Necessidade? Ele não teme a fome. Inimigos? Eles podem, no máximo, matá-lo, e a morte não traz mais horror algum a ele. Dor física? Se se tornar insuportável, ele, o "peregrino na terra", a abandona em um minuto junto com seu corpo.

Portanto, o desprezo pela morte é a base e a condição *sine qua non*[11] da verdadeira confiança. Mas como se pode alcançá-lo? Através da religião e da filosofia.

Se a religião dá ao indivíduo uma maravilhosa confiança, ela o faz sob a forma de uma bela ilusão. Ela ilude o homem com uma imagem doce que desperta nele um desejo ardente, e no abraço da magnífica ilusão ele sufoca o medo da morte em seu peito. Ele despreza a vida terrena para obter uma vida celestial mais bela. A fé é, portanto, a condição da confiança religiosa, e quanto mais a capacidade de fé diminui na humanidade, mais raro se torna a verdadeira confiança em Deus, ou, o que é o mesmo, mais medrosos, desamparados, vacilantes, desordenados e infelizes se tornam as pessoas.

Estamos vivendo em uma época em que a bênção da interiorização através da contínua diminuição da fé está se tornando cada vez mais rara, enquanto a infelicidade desordenada e a falta de paz estão se tornando cada vez mais frequentes: é a época da incredulidade desoladora.

Resta a filosofia. Pode ela ajudar? Pode ela, sem um Deus pessoal e sem um reino celestial além do túmulo, fornecer um motivo que, interiorizado, concentrado e, assim, a partir de uma mente reunida, desenvolva a flor da verdadeira confiança, da paz inabalável da alma? Sim, ela pode; com certeza, ela pode. Ela fundamenta a confiança no conhecimento puro, assim como a religião a fundamenta na fé.

Assim como a religião da redenção, o cristianismo, não pode ser continuada, minha filosofia da redenção também não pode ser continuada: ela só pode ser aperfeiçoada, ou seja, desenvolvida em detalhes, especialmente na física; pois no mundo não há nem milagre nem

[11] “Sine qua non” é uma expressão em latim que pode ser traduzida como "algo indispensável" ou "condição essencial".

mistério insondável. A natureza é perfeitamente passível de compreensão. Apenas a origem do mundo é um milagre e um mistério insondável. No entanto, eu mostrei que o ato divino, ou seja, a origem do mundo, é explicável em metáfora, se usarmos os princípios mundanos de vontade e espírito como princípios reguladores (não constitutivos) em relação à divindade pré-cósmica. Assim, segundo minha convicção, o impulso especulativo da humanidade chegou ao fim de seu caminho; pois posso afirmar com a maior certeza apodíctica que nenhum espírito humano poderá dar contas do ser da divindade pré-cósmica. Por outro lado, a origem do decreto divino, de se manifestar em um mundo de multiplicidade para se libertar do ser em si, deve satisfazer completamente qualquer pessoa racional.

O que resultou, então, da minha metafísica? Uma base científica, ou seja, um conhecimento (não uma crença), sobre o qual pode ser construído a confiança mais inabalável, o desprezo absoluto pela morte, sim, o amor à morte. Eu mostrei, primeiramente, que cada coisa no mundo é um impulso inconsciente para a morte. Esse impulso para a morte está especialmente no ser humano completamente oculto pelo impulso para a vida, pois a vida é um meio para a morte, como o mais tolo também percebe: morremos incessantemente, nossa vida é uma luta lenta contra a morte, diariamente a morte ganha mais poder sobre cada ser humano até que, por fim, apague a luz da vida de todos.

Seria uma tal ordem das coisas possível se o ser humano, no fundo, no cerne de seu ser, não quisesse a morte? O ignorante quer a vida como um excelente meio para a morte, o sábio quer a morte diretamente.

Deve-se, portanto, apenas tornar claro que no núcleo mais profundo de nosso ser queremos a morte, ou seja, deve-se apenas despir a camada de nosso ser, e imediatamente surge o amor consciente à morte, ou seja, a plena invulnerabilidade na vida ou a mais sublime e gloriosa confiança em Deus.

Essa revelação da nossa essência é apoiada por uma visão clara do mundo, que encontra em toda parte a grande verdade:

– que a vida é essencialmente infeliz e que o não-ser é preferível a ela;

e pelo resultado da especulação:

– que tudo o que é estava antes no mundo em Deus e, dito figurativamente, participou da decisão de Deus de não existir e da escolha dos meios para esse fim.

Desse modo resulta:

– que nada pode me atingir na vida, nem o bem nem o mal, que eu não tenha escolhido em plena liberdade antes do universo.

Portanto, uma mão estranha não me causa nada diretamente na vida, apenas indiretamente, ou seja, a mão estranha apenas executa o que eu mesmo escolhi como benéfico para mim.

Aplicando este princípio a tudo o que me acontece na vida – a felicidade e a infelicidade, a dor e o prazer, o desejo e a aversão, a doença e a saúde, a vida ou a morte – devo, desde que compreenda a questão de forma clara e meu coração abrace o pensamento da salvação com ardor, aceitar todos os acontecimentos da vida com um sorriso e enfrentar os eventos futuros com absoluta tranquilidade e serenidade.

"Philosopher, c'est apprendre à mourir[12]*"*: essa é a última conclusão da sabedoria.

Quem não teme a morte se atira em casas em chamas; quem não teme a morte pula sem hesitação nas águas turbulentas; quem não teme a morte se lança sob a mais densa rajada de balas; quem não teme a morte enfrenta desarmado mil gigantes armados – em outras palavras, quem não teme a morte é o único que pode fazer algo pelos outros, sangrar pelos outros e, ao mesmo tempo, possui a única felicidade, o único bem desejável neste mundo: a verdadeira paz de espírito.

Quem não pode mais suportar o peso da vida, que o abandone. Quem não suporta mais o carnaval da vida, ou, como diz Jean Paul, o grande salão de servos do mundo, que passe pela "porta sempre aberta" para a noite tranquila.

Com que facilidade a pedra cai da mão sobre a tumba do suicida e quão difícil foi, em contraste, a luta do pobre homem que soube preparar tão bem seu leito de morte. Primeiro, ele lançou um olhar temeroso para a morte à distância e se afastou aterrorizado; então ele a evitou tremendo em largos círculos; mas a cada dia os círculos se estreitavam até que finalmente ele envolveu os braços cansados ao redor do pescoço da morte e olhou nos seus olhos: e ali havia paz, doce paz.

O mais alto que pessoas indulgentes, suaves e amorosas no Ocidente podem alcançar é não apedrejar o corpo do suicida e sentir a dor do "pobre, certamente enlouquecido" próximo em si mesmas. Buda, por outro lado, ousou declarar o suicídio, de acordo com o

[12] "Filosofar é aprender a morrer", expressão extraída do ensaio considerado clássico em relação à filosofia da morte de Montaigne.

espírito de sua genial doutrina, como extraordinariamente meritório e o recomendou sem reservas. Apenas aos seus sacerdotes ele proibiu o suicídio, porque o mundo não poderia ser salvo de outra forma. Assim, ele exigiu deles a renúncia à autodestruição como um grande sacrifício.

Cristo não falou sobre o suicídio. No entanto, a partir do fato de que, ao citar o mal que vem do coração dos homens (Marcos 7, 21-22), o suicídio não aparece, pode-se concluir que ele não seria capaz de negar a um suicida o ilustrado reino dos céus esotérico; sim, como se mostra, a moral de Cristo é na verdade uma recomendação de suicídio lento e, portanto, pode-se afirmar que Cristo, como Buda, recomendou o suicídio. Eu insisto tanto nesse ponto porque, como devo confessar abertamente, o julgamento sem coração da maioria das pessoas, especialmente dos clérigos, sobre o suicida é a única coisa que ainda pode me indignar profundamente. Além disso, gostaria de destruir todos os motivos duvidosos que podem impedir as pessoas de buscar a tranquila noite da morte, e se minha confissão de que eu abandonarei a existência pacificamente, se o desejo de morte em mim aumentar apenas um pouco, tiver a força de apoiar um ou outro dos meus próximos na luta com a vida, então eu a faço aqui.

> *Quem veste o manto de filósofo jurou lealdade à verdade e agora, onde seu serviço é necessário, qualquer outra consideração, seja o que for, é uma traição vil.* (Schopenhauer)

Saíam sem tremor, meus irmãos, desta vida se ela pesa demais sobre vocês: vocês não encontrarão nem um reino dos céus, nem um inferno no túmulo.

Certamente a filosofia imanente, com sua ética, também se dirige aos cansados da vida e tenta atraí-los com palavras amigáveis de persuasão, exortando-os a se incendiar com o fim do mundo e ajudar a acelerar isso com um trabalho puro pelos outros – mas se esse motivo também não funcionar, se for inadequado para o caráter em questão, então ela se retira silenciosamente e se inclina à marcha do mundo, que necessita da morte desse indivíduo específico e, portanto, deve eliminá-lo necessariamente; pois tome o ser mais insignificante do mundo, e a marcha do mundo será diferente do que teria sido se ele permanecesse.

A filosofia imanente não pode condenar; ela não pode. Ela não incita ao suicídio; mas, servindo apenas à verdade, deve destruir motivações contrárias de enorme poder. Pois o que diz o poeta?

"Quem suportaria os fardos,
E gemeria e suaria sob o peso da vida cansativa,
Se não fosse o medo de algo depois da morte –
A terra desconhecida, de onde não retorna
Nenhum viajante – Confunde a vontade
E nos faz suportar os males que temos
Em vez de fugir para outros que não conhecemos?" (Shakespeare)

Essa terra desconhecida, cujos mistérios acreditados abriram novamente a mão de muitos que já seguravam o punhal – essa terra com seus terrores teve que ser completamente destruída pela filosofia imanente. Era uma vez um domínio transcendente – não é mais. O cansado da vida, que se pergunta: "ser ou não-ser?" deve tirar as razões a favor e contra apenas deste mundo (mas de todo o mundo: ele deve também considerar seus irmãos obscurecidos, aos quais pode ajudar, não fazendo sapatos e plantando repolhos, mas ajudando-os a conquistar uma posição melhor) – além do mundo não há nenhum lugar de paz, nenhum lugar de tormento, apenas o nada. Quem o entra, não tem nem repouso, nem movimento, está sem estado como no sono, apenas com a grande diferença de que o que está sem estado no sono também não existe mais: a vontade está completamente destruída.

Isso pode ser um novo contramotivo e um novo motivo: essa verdade pode levar um a afirmar a vontade, e outro a mergulhar poderosamente na morte. Mas a verdade nunca deve ser negada. E se, até agora, a ideia de uma continuidade individual após a morte, em um inferno ou em um reino dos céus, impediu muitos da morte, enquanto a filosofia imanente, por outro lado, leva muitos à morte – isso deve ser assim a partir de agora, assim como aquilo deveria ter sido antes, pois todo motivo que entra no mundo aparece e age com necessidade.

VIII.
Contemplação do vazio

A filosofia pessimista será para o próximo período histórico o que a religião pessimista do cristianismo foi para o período passado.

O símbolo de nossa bandeira não é o Redentor crucificado, mas o Anjo da Morte, com olhos grandes, calmos e suaves, carregado pela pomba do pensamento da redenção: no fundo, o mesmo símbolo.

A mais bela flor, ou melhor, o mais nobre fruto da filosofia schopenhaueriana é a negação da vontade de viver. Cada vez mais se reconhecerá que apenas com base nesta doutrina é que se pode seriamente na substituição da religião pela filosofia, penetrando até as camadas mais baixas do povo.

O que a filosofia antes de Schopenhauer ofereceu ao coração humano que clama por redenção? Ou meras ilusões miseráveis sobre Deus, imortalidade da alma, substância, acidentes – em suma, uma pedra de tropeço; ou investigações cuidadosas, muito perspicazes e completamente necessárias sobre a faculdade do conhecimento. Mas o que pergunta o homem em momentos de assombro sobre si mesmo, quando a reflexão toma a dianteira e uma voz fraca e triste dentro dele fala:

Vivo – e não sei quanto;
Morro – e não sei quando;
Vou – e não sei para onde;

será que ele se importa com as formas subjetivas, espaço e tempo, com a lei da causalidade e a síntese de uma multiplicidade de percepções? O coração quer algo a que possa se apegar, uma base inabalável na tempestade da vida, pão e mais pão para sua fome.

Devido ao cristianismo ter saciado esta fome, a filosofia grega teve que sucumbir na luta contra ele, pois o cristianismo ofereceu uma base inabalável quando tudo oscilava e tremia. Enquanto a filosofia era teatro de disputas infrutíferas e lutas furiosas, muitas vezes os espíritos mais destacados, esgotados e desanimados, lançaram-se nos braços da Igreja. Mas agora não se pode mais crer, e porque não se pode mais crer, joga-se fora, junto com os milagres e mistérios da religião, seu núcleo indestrutível: a verdade da salvação.

Um indiferentismo completo toma conta das mentes, algo que Kant chamou muito acertadamente de "a mãe do caos e da noite". Esse núcleo indestrutível da religião cristã foi então agarrado por Schopenhauer com mão firme e trazido para o templo da ciência, como um fogo sagrado, que irromperá como nova luz para a humanidade e se espalhará por todas as terras, pois é de tal natureza que pode inspirar tanto indivíduos quanto massas e inflamar seus corações.

> *Então, a religião terá cumprido sua missão e terá percorrido seu caminho: poderá então despedir a humanidade, que ela conduziu até a maturidade, e partir em paz. Esta será a eutanásia da religião.* (Parerga e Paralipomena II)

Uma filosofia que pretende substituir a religião deve, antes de tudo, ser capaz de oferecer o consolo que a religião oferece, aquele consolo exaltador e reconfortante, de que todos os pecados podem ser perdoados, e que uma bondosa Providência guia a humanidade para seu bem. A filosofia schopenhaueriana oferece isso? Não! Como Mefistófeles, Schopenhauer senta-se à margem do fluxo humano e, zombeteiro, chama àqueles que se contorcem em dor, gritando por redenção: "Sua razão não lhes serve de nada. Apenas a intuição intelectual pode salvá-los, mas só a quem um poder enigmático predestinou a isso. Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos." Todos os outros estão condenados a "sofrer eternamente" no inferno da existência. E ai daquele que acreditar que pode ser redimido na totalidade; ela não pode morrer, pois sua ideia está fora do tempo, sem a qual nada pode mudar.

> *De fato, todos desejam ser redimidos do estado de sofrimento e morte: querem, como se diz, alcançar a bem-aventurança eterna, entrar no reino dos céus; mas não com os próprios pés; querem ser carregados pelo curso da natureza. Mas isso é impossível.* (O Mundo como Vontade e Representação)

Eu, por outro lado, digo, recorrendo à natureza: quem quiser se redimir, pode fazê-lo a qualquer momento "através da razão e da ciência, a suma força do homem". Para a individualidade real – cujo desenvolvimento de maneira alguma depende do tempo –, a virgindade é, com toda certeza, o meio infalível para desprender-se do universo. Mas aqueles que já continuam a viver em seus filhos, para os quais, portanto, nesta geração, a possibilidade de redenção foi perdida, e aqueles que ainda poderiam alcançar o meio, mas não têm força para isso – todos eles devem continuar com ânimo e lutar honestamente: mais cedo ou mais tarde serão redimidos, seja antes da totalidade ou dentro dela, pois o universo se move do ser para o não-ser.

Dizer: "O mundo é fruto de um acaso primordial" equivale a abdicar de explicá-lo. A questão: por que a avidez teve a vontade para sair do Super-ser para o ser, ou seja, a origem do universo, permanece sem resposta. Assumir que o mundo não tem propósito, objetivo ou fim (os pontos de descanso no processo que se repete "inúmeras vezes" não são considerados, já que do fim de um processo mundial até o início do próximo não há tempo: o processo mundial, como tal, na verdade nunca termina absolutamente) significa intensificar o caráter profundamente sério de todo o processo, tornando-o completamente cruel.

O que uma filosofia que parte de tais pressupostos têm a oferecer de consolo ao indivíduo que clama por libertação do tormento da existência? Ela acorrenta o lutador exausto pela morte, que deseja escapar para sempre do mundo, ao eterno ciclo do "devir infinito" com mãos de ferro, e em sua ferida ardente da dolorosa percepção – de que viver e sofrer são uma só coisa – ela não despeja um bálsamo, mas apenas o veneno corrosivo do pensamento desolador, de que ele nunca poderá alcançar a aniquilação completa e plena de seu ser, nem por si mesmo, nem dentro e com a totalidade. O lamento comovente que se desprende dele: Por que então esse martírio *in infinitum*, sem sentido e resultado, sem consolo e sem descanso? – ecoa sem ser ouvido.

O ateísmo, como a minha doutrina o fundamenta – pela primeira vez cientificamente fundamentado – resolve o grande problema da origem e do significado do mundo, trazendo com a solução também a reconciliação. Não reconhece um mundo antes deste e nem um depois. Para ele, este é um único processo grandioso, que não é uma repetição, nem terá repetição; pois antes dele está o Super-ser transcendente e depois dele o *nihil negativum*[13]. E isso não é uma afirmação vã. A dedução é logicamente coerente, e tudo na natureza corrobora o resultado, diante do qual um espírito fraco pode desmoronar tremendo, mas o sábio estremece até as profundezas de sua alma com alegria. Nada mais existirá, nada, nada, nada!

Oh, esta contemplação do vazio absoluto!

Deve ser um princípio correto, do qual tão facilmente, espontaneamente e claramente surge a solução dos maiores problemas filosóficos, que fizeram os homens mais geniais de todas as épocas afundarem desesperados, após esgotarem sua capacidade de pensamento. Quando Kant acreditava ter compreendido a coexistência de liberdade e

[13] "Nihil negativum" refere-se ao nada como uma ausência lógica ou uma impossibilidade absoluta, sem existência real ou conceitual.

necessidade, distinguindo um caráter inteligível de um empírico, ele não pôde deixar de observar: A solução das dificuldades aqui apresentada, dir-se-á, contém muito de difícil em si e mal se presta a uma explicação clara. No entanto, qualquer outra que se tenha tentado ou se possa tentar é mais fácil e mais compreensível?

Todos erraram, porque não conseguiram criar um campo puramente imanente nem um puramente transcendente. Os panteístas se equivocaram, porque reduziram o movimento unificado do mundo, que realmente existe, a uma unidade no mundo; Buda também se equivocou, porque falsamente deduziu, do sentimento de total responsabilidade presente no indivíduo por todas as suas ações, a autossuficiência do indivíduo no mundo; Kant também cometeu um equívoco, porque tentou abranger a liberdade e a necessidade com uma mão em um campo puramente imanente.

Nós, ao contrário, colocamos a unidade simples dos panteístas em um domínio transcendente passado e explicamos o movimento unificado do mundo a partir do ato dessa unidade simples anterior ao mundo; unimos a autonomia parcial do indivíduo e o poder totalmente independente do acaso no mundo, no campo transcendente, na decisão unificada de Deus de entrar no não-ser, e na escolha unificada dos meios para executar essa decisão. Finalmente, unimos liberdade e necessidade não no mundo, onde não há espaço para a liberdade, mas no meio do abismo, que nossa razão restaurada reabriu entre o domínio transcendente perdido e o imanente.

Não conseguimos recuperar o campo transcendente perdido através de sofismas. Provamos com rigor lógico, na análise, que ele existiu e não existe mais.

E agora, considere-se o consolo, a esperança inabalável, a confiança abençoada que deve fluir da plena autonomia do indivíduo, fundamentada metafisicamente. Tudo o que aflige o homem: necessidade, miséria, tristeza, preocupações, doenças, vergonha, desprezo, desespero, em suma, todas as amarguras da vida, não são infligidas por uma providência insondável que busca o seu bem de uma maneira impenetrável, mas ele sofre tudo isso porque, antes do mundo, ele próprio escolheu tudo como o melhor meio para o propósito. Todos os golpes do destino que o atingem, ele os escolheu, porque só através deles pode ser redimido. Sua essência (demônio e espírito) e o acaso o conduzem, fielmente, através da dor e do prazer, da alegria e da tristeza, da sorte e do azar, da vida e da morte, para a redenção que ele quer.

O homem tem a inclinação natural de personificar o destino e de compreender misticamente o nada absoluto – que o encara de cada sepultura – como um lugar de paz eterna, como uma *cidade de paz*, nirvana: como a nova Jerusalém.

> *"E Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram."* (Apocalipse 21:4)

Não se pode negar que a ideia de um Deus Pai pessoal e amoroso toca o coração humano, "essa coisa teimosa e desanimada", mais profundamente do que o destino abstrato, e que a ideia de um reino dos céus, onde indivíduos transfigurados, sem necessidades, descansam felizes em eterna contemplação, desperta uma nostalgia mais poderosa do que o nada absoluto. A filosofia imanente é, também aqui, suave e bondosa. O principal é que o homem superou o mundo através do conhecimento. Se ele deixa o destino reconhecido como está, ou se o transforma novamente nos traços de um pai fiel; se ele deixa o objetivo reconhecido do mundo como nada absoluto, ou se o transforma em um jardim iluminado de paz eterna, isso é completamente irrelevante. Quem interromperia o jogo inocente e inofensivo da fantasia?

> *"Uma ilusão que me faz feliz,*
> *vale uma verdade que me esmaga."* (Wieland)

No entanto, o sábio contempla o nada absoluto com um olhar sereno e repleto de júbilo.